

AUTORES & LIVROS

Ano V Vol. VIII
11 3 945 publicado semanalmente, sob a direção de N. 6
Lucio Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Notícia sobre Deolindo Tavares

Deolindo Tavares é o nome de um jovem pernambucano, acaso inteiramente desconhecido da literatura oficial do Rio de Janeiro, mas digno de ser citado entre os mais altos valores de nossa poesia atual.

Nasceu ele em 21 de dezembro de 1913, na casa n. 149 da rua Moccolombo, nos Alogados, no Recife. Era filho de Francisco Gomes Tavares da Silva Filho e de d. Eliza Tavares da Silva.

Fez os estudos primários no Recife, com a professora estadual d. Margarida Figuerôa e os terminou no grupo escolar Sérgio Loreto, também naquela cidade. Os secundários fez no Ginásio do Recife, passando para o Ginásio de Pernambuco, onde concluiu o curso pre-jurídico. Matriculando-se na Faculdade de Direito do Recife, ali cursou os dois primeiros anos. Decepcionado e triste com a Faculdade, onde o seu temperamento de poeta estava em perpétuo choque com o ambiente, resolveu vir concluir os estudos na Faculdade de Direito de Niterói. Para cá embarcou em abril de 1942. Ao embarcar trazia uma turunculose. Chegando à Bahia, saltou, passou algumas horas em terra, e certamente se divertiu, comendo os condimentos quicutes baianos. Ao regressar, notou que a turunculose piorara, e fez chamar o médico de bordo. Parece que o médico — seria mesmo um médico? — não soube tratar o poeta com o cuidado devido. Assim, poucas horas depois de haver tentado uma intervenção em um dos túrnculos de que Deolindo se achava sofrendo, o estado do poe-

ta se havia agravado muito. Algumas horas depois, ao chegar ao Rio de Janeiro, já Deolindo não pôde sair à procura de um hotel ou de uma hospedagem. Fez chamar pessoas de sua família, de sua intimidade e foi, desde logo, levado para o Hospital Evangélico. Ali seu estado foi piorando cada vez mais, e por fim, perderam-se todas as esperanças de salvá-lo. Deolindo Tavares faleceu a 6 de maio de 1942, aos 24 anos incompletos, vítima de uma septicemia.

Nessa vida assim curta-curta, sobretudo, porque o nosso poeta foi um grande tímido, um grande retraído, e não um poeta que se espalhasse em ação e dinamismo, como, por exemplo, Castro Alves, morto como ele aos 24 anos, mas deixando em seu país a memória indelevel de ter sido um dos maiores homens de ação mental que aqui existiram em todos os tempos — Deolindo realizou alguma coisa digna de recordação.

Foi durante algum tempo jornalista, e trabalhou no corpo de auxiliares da redação do "Diário de Pernambuco". Foi colaborador de várias folhas do Recife: o citado "Diário de Pernambuco", o "Diário da Manhã", a "Renovação", o "Caderno Acadêmico".

A atividade literária juntou ele ótimas disposições para outras artes. Tocava admiravelmente, sem nunca ter aprendido música. Desenhava e era exímio na fotomontagem.

Em 1939 esteve no Rio, e daqui levou uma grande impressão de pessoas das quais es-

teve mais aproximado, como Jorge de Lima (que parece ter sido o seu maior amigo no Rio de Janeiro) e Murilo Mendes, Manuel Bandeira e Schmidt, Mario de Andrade e José Lins do Rego. Levou, também, grande impressão de algumas poetisas e de algumas escritoras: Yone Stamato, a quem chamava "divina", a quem dedicou um poema dos mais formosos; Adalgisa Nery, a quem também dedicou um lindo poema; Graziela Cabral, Julieta Bárbara, Maria Duarte. Aqui esteve também, muito aproximado de jovens escritores, poetas ou artistas pernambucanos, ou nordestinos, acaso já seus amigos de Pernambuco: Percy Lau, José Cesar Borba, Aldo Lins e Silva.

Estes parecem ter sido as grandes afeições do poeta no Rio de Janeiro. Em Pernambuco, a sua roda, era composta de alguns colegas da Faculdade de Direito, e mais de Aníbal Fernandes, Willy Lewin, Manuel Anselmo, Gilberto Freyre, Ascenso Ferreira, Otavio de Freitas, Esmaragado Marroquim, Ledo Ivo e poucos outros.

Em novembro do ano passado, uma pessoa da família Tavares — a srta. Maria de Lourdes Tavares da Rocha, prima do poeta — teve a lembrança de procurar-nos, pondo à nossa disposição o acervo poético de Deolindo. Foi um gesto que nos encantou, pois de há muito desejávamos organizar um dos números de AUTORES E LIVROS dedicado a Deolindo Tavares. Trou-

(Continua na pág. 93)



Deolindo Tavares, em uma das fotos de Arquivo Público

SUMÁRIO

- PÁGINA 31: Notícias sobre Deolindo Tavares; PÁGINAS 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40 e 41: Poemas de Deolindo Tavares. Poema — O canário de violetas de minha amiga Mary Duncan; Conhecido; Poema à caneta-baleeira; Canção de uma menina, de um rio e de um rio; Poema ao menino com paralisia infantil; Poema à mulher de negro do retrato a óleo da sala de visitas; Odeia; No terceiro de Júpiter; Cântiga da princesa tentada; Poema dos corações mortos; Poema — Morreu Venus Heller na manhã de hoje; Marçal; Assombração; Poema — O canário tem visto e duas mulheres; Poema — Silêncio para que o mundo renasça; Black-out; A estrela sobre cinco continentes; Mensagem para Patrício de la Tour du Pin; Balada de Patrício de la Tour du Pin; Poema para Patrício de la Tour du Pin; Poema — O corpo arroxado, a face...; Poema post-córtico; Poema — O mundo do poeta; Poema — Já pensou por acaso quando repousa em teu leito; Poema — Nani para sempre poe-sia; Eu te amo; Libertação; Esquecimento; Poema — Hoje encontrei minha praia; O poeta; Loureiros e anêmonas as coisas mais simples deste mundo; Trá-la-lá-trá-lá-lá; O condenado; O jogo; O palhaço; O encontro; Eu; Poema — As pombas se reconheceram às cordinas das catedrais; Petróleo; O poema da militeria; Poema — O poema de aço; Poema — Amarte, o grande e desconhecido herano; Poema à mulher de escrever; Poema de um dia de longe; Epitáfio; Cântico em louvor da noite, do sono e do sonho; Poema bíblico de Hindimil; Poema — Estamos irreversivelmente perdidos; A noite é um anjo; Poema — Se tiveres sido forte, belo e alto como um verdadeiro anjo; Poema — Um dia, diante de ti; Adolescência; Poema do marulheiro; Um olhar em forma; Poema para uma infante defunta; História dos sete sábios de Kelagaria; Poema — Quem virá no futuro; Poema — As duas histórias de infância; Poema — A luz de meus olhos, minha alegria e meu pranto; Poema — Agora e sempre; Testamento; Converse a casa paterna; Ausência; Causa para a mulher; Poema ao irmão; Poema à filha de origem; Poema — Ante meus olhos caridosos a mulher de desamado; Poema para Newton; Sopro; Indúzia; Poema — Este mundo eu preciso abandonar; O poeta; A casa e a poeta; O poeta repousará durante sete séculos; Poema — Poetas destes olhos que nunca choram; Poema — Ah, os camilhões que nunca destruíram inconscientemente; Poema; Poema — Duas noites estão nos meus olhos; Tua permanência em mim; Poema — Permanência indefinidamente triste e não; Poema — Minha alma vem de longe, do muito longe.
- Poemas de Willy Montpon: I — En já sou o canto da colônia anunciando a chegada da primavera. II — O senão de Willy Montpon. III — Retrato de Willy Montpon, o poeta burocrata. IV — Uma dançante lenta Willy Montpon. V — O despertar de Montpon. VI — Apresentação de Willy Montpon. VII — Poema a Willy Montpon. VIII — O catifeio de Willy. IX — Algumas horas da vida de Willy Montpon. X — Willy espia o rosto de Judith. XI — Ven a poesia e trata Willy Montpon. XII — Willy e a poesia pela Ursa Menor. XIII — Poema — Willy Montpon é senhor de tudo. XIV — A morte de Willy Montpon.
- Página 32: Deolindo Tavares, uma estada de Gilberto Freyre. Deolindo. Ainda Deolindo.
- Página 33: Marroquim Deolindo Tavares, de livro. Ainda.
- Página 34: Deolindo Tavares, de Olívio de Freitas Junior. Algumas fontes sobre Deolindo Tavares. Deolindo Tavares e sua época, de João Cabral de Melo Neto.
- Página 35: Buns tramos écos de Sotero das Reis, de Herbert Pimentes Pereira.
- Páginas 36 e 37: Ciro, batido em quatro atos, de Maria de Lourdes Leão (com desenhos da autora).
- Páginas 38 e 39: Uma escola para a arte moderna, de Raul de São Vitor. Beto! Camargo responde ao nosso império. A morte de Amélia de Oliveira.
- Página 40: A praia branca de Olívio de Melo Neto. A vida do Brasil. Galeria de Arte, N. XX — Raul Pompili. — Paisagem.

POEMAS DE

POEMA

Os canteiros da violetas de minha amiga Mary
foram destruídos esta manhã, por bombas incen-
diárias.
Os narcisos azuis se contorceceram envoltos em
chamas
e as rosas morreram, presas às hastes, vertendo
sangue

Mary Duncan pensou, olhando a tragédia,
que neste mundo aflito e louco
nem as flores nem os homens podem mais se
multiplicar

pois as sirenes perturbam a tranquillidade do
lamar universal.

Depois a desalada criatura culpou o "jazz"
e entorceu-se com suas próprias franças.
Ela lembrou-se, talvez, das rosas que juntos plan-

hã uma eternidade, do outro lado tranqüilo do
mundo,

e que ainda nascem e morrem ininterruptamente
nos meus canteiros limitados e dessimétricos.

CONCERTO

As notas musicais são como gotas de sangue
pingando dos dedos da pianista louca.

As notas musicais são como gotas de suor agônico
escorrendo, pela frente do amigo
cuja cabeça é um mundo parado e repousado
na palma da sua mão direita —

mão que esboça incantáveis gestos,
mão que pode marcar o compasso da música
ou estrangular Debussy no silêncio do teatro vazio.

As notas musicais são como espirais de fogo
tambendo o corpo do pianista louco,
tambendo a memória do amigo sumida na es-

lundão.

As mãos da pianista louca, são como aves
voando em torno da candelabra
como estrelas em volta de um novo mundo.

POEMA À CANETA TINTEIRO

A caneta tinteiro é uma espada
ou uma vela levada pela brisa.

Escutai a sua voz, ela balbucia palavras amargas
dita sentenças de morte

ou muitas vezes faz confissões de amor.

A caneta tinteiro é uma nina
a se banhar descuidada no retângulo de papel,

que pode ser também um lago aos olhos do poeta,
um lago em cujas margens brotam canções ou ba-

ladas vermelhas.

A caneta tinteiro é um lírio na mão do poeta
ou uma nina a se mirar descuidada nos seus
olhos distantes.

CANÇÃO DE UMA MENINA, DE UM RIO E DE UM CAC

Flores na regação,
braços cruzados, rauxinóis nos cabelos,
seios fartos, repuxados, caxos grossos e unidos
olhos verdes, perdidos, fixos, enevoados.

A seus pés o adormecido cac.

Folhas secas, outono,
carícias do vento no seu ventre macio;
desunem-se as caxas, estiram-se as pernas
longor no corpo, sono, sedução.

Entre juncos agitados, o rio;
foge a menina abraçada às águas.
Duas folhas caídas são levadas pelo vento
e ambas cantam para os quatro pontos cardiais
a grande tragédia em canção:
a tragédia de uma menina, de um rio e de um cac.

POEMA AO MENINO COM PARALISIA INFANTIL

Da janela da casa paterna
avista todas as tardes sentada na calçada,
o menino de azul, sob o céu assustadoramente
luzil.

Certa vez seus olhos pousaram suavemente nos
meus

e isto eu não esquecerei jamais, ô, jamais.
Da janela da casa paterna,

a menino de azul acompanhará toda a minha vida.
Quando passo, apressado e comovido,
seus olhos pedem minhas pernas para brincar de
rudo.

mas não sabe que elas o levariam tão somente
a girar em torno de uma dor maior que a sua.
Ah se tu soubesses, meu pobre anjo,

quanta dor, quanta sombra, quanta renúncia há
em meu peito,

ah se tu soubesses como meu caminho é aspero.
E contudo, quando passo e olho tuas pernas en-

volto em branca gesso
ou em retalhos de nuvens

por que não reparas a minha atermetada má-
cara?

POEMA À MULHER DE NEGRO DO RETRATO A OLEO DA SALA DE VISITAS

Mãos de luar,
mãos que podem ser também duas rosas de prata

são as mãos da mulher que por obra e graça
concebeu o poeta.

Face bela e serena,
face ou manha de Abril,

face ou pedaço de céu imaculado
é a face da mulher de negro

do retrato a óleo da sala de visitas.

Olhos que podem ser duas safiras,
olhos que viram mares e mundos

olhos que sonharam, cor do oceano ou da noite,
pálpebras de luz da querida imagem colorida, mi-

lhada imagem,
e que me acompanhará até a morte

pois estou só num mundo onde é melhor viver-se
à sombra dos mortos.

OFÉLIA

Ofélia — Diz isto? Não, por favor,
preste atenção:

Ele morreu e foi embora, senhora,
Ele morreu e foi embora;

Em sua cabeça cresce um tufo de
verde reivo,

Em seus pés uma pedra.

O saluante vento,
lírios brancos enlutados,

ô finas gotas de orvalho
como estrelas fanadas sobre petalos esparsos;

disserram-me os espíritos dos sonhos
que esta noite Ofélia morrerá de amor.

Os perfumes que envolvem o ar
num sudário de morte infável,

ô flores,
água tranqüilas como espelhos,

noites tranqüilas e cúmplices de amores;
ô sombras da infundável sono,

ô demônios, signos fatais,
andorinhas vogabundas, cegai-me,

não quero ver a morte da louca Ofélia

O saluante vento,
lírios brancos enlutados,

ô finas gotas de orvalho
— lágrimas dos meus olhos,

a estas horas, sobre a face da louca Ofélia,
represem docemente os serenos raios do firmi-

laurado.

NO TERREIRO DE JUBIABA'

(Sobre motivos do livro de
Jorge Amado)

A noite era de luar,
e o vento balançava

as folhas dos coqueiros
trazendo de longe o canto dos negros

que dançavam macumba ao luar,
no terreiro de pai de santo Jubiabá.

Na casa grande todos dormiam
menos eu e mãe negra

que me dava cafuné,
e que me contava histórias

de negros que vinham d'Africa
no porão dos navios p'ros engenhos

trabalhar
e muito raramente deixar de opanhar.

E era nas noites de luar
que mãe negra punha-se a contar
histórias de seu povo oprimido,
e mostrava aos meus olhos infantis
o seio marcado o ferro e a fogo...

E eu gostava de alhar...

O batuque cada vez aumentava mais,
no terreiro de pai de santo Jubiabá.

Mas o melhor era o história de Zumbi
que eu gostava de ouvir

mãe negra cantar
quando todos dançavam macumba ao luar,

no terreiro de pai de santo Jubiabá.

Agora era a princesa Izabel,
que eu imaginava com uma

coroa na cabeça, olhos azuis,
um manto de púrpura nos ombros,

e assina: o papel que libertava todos
os negros,

e até os que dançavam macumba ao luar,
no terreiro de pai de santo Jubiabá.

E eu ficava a sonhar,
até que mãe negra me carregava

nos braços,
me deixava no leito de docel,

e ficava a me alhar
com os olhos esbugalhados

de tanto chorar
quando era moça e bonita,

e trabalhava até não poder mais.
Era então que o feitor vinha com a chicote,

e retalhava seu corpo tão moço,
e tão bom de se amar!...

E eu não sei porque adormecia logo,
na noite em que se dançava macumba ao luar,

no terreiro de pai de santo Jubiabá.

CANTIGA DA PRINCEZA TENTADA

A jovem princesa orava em recolhimento
na tranqüila capela do real palácio;

sobre sua fronte pausavam mariposas
que eram demônios "camuflados" e eróticos;

entre seus minúsculos seios
a lagarta desabrochou em borboleta

e tentou depois seduzir-lhe as serenas mãos.

Mas a jovem princesa nada sentia
porque defendida estava pelos poetas

guerreiros de sua geração,
um dos quais voltou a este inferno

porque desejou-a naquele místico instante,
em que a jovem princesa suplicava a salvação

do mundo

Até os raios de luz
atravessando as imensas vitrais

tentaram a pobre princesa;
até da altar vinham

perfumes exquisitos para perturbá-la;
mas, ela parecia dormir como morta

porque orava pela paz do mundo.
E como os demônios e os próprios santos

acreditassem na sua castidade,
pousaram-lhe sobre a fronte pálida

uma coroa de espinhos.

Então ela ergueu-se trágica e iluminada
e desapareceu para sempre numa rosácea

E nunca mais se viu o orar a jovem princesa
na tranqüila e deserta capela do real palácio.

POEMA DOS CORAÇÕES MORTOS

O coração de François e de Hans
pende do nome farpado de uma trincheira abor-

lizada

Eles amaram, eles sorriram, eles sonharam,
e agora, ali estão como duas papoitas sangrentas

Não são lágrimas que sobre eles brilham,
é o orvalho da madrugada que despoeta violácea

Amanhã, eles estarão miseramente cristalizados
e ninguém, nem mesmo mãos bem-amadas aque-

ce-los-ão

Contudo, Hans não odiava François,
porque ambos amavam, ambos sorriam e tam-

lham sorriam
apenas os separavam um mar, um horizonte, um

frágil nó

DEOLINDO TAVARES

Agora ali estão dois corações mortos
e vão pousar os passaros e cantam ignorantes da
tragédia.

Manhã, quando abrires tua janela e olhares as
estrelas,
sabe como as estrelas estão rãs de sangue!

POEMA

Entrau Franz Heller na manhã de hoje
e fez esmagado no asfalto suja da avenida deserta
um beija-flor que voava rumo ao mar,
pensando que a cabeça de Franz Heller fosse
uma flor.

Sobre os seus cabelos
arrastados como o trigo das campinas de seu país
natal.

Mas reconhecendo-se enganado,
pousou docemente na curva suave de um homi-
bra convulso
que se debruçava sobre o corpo inanimado de
Franz Heller,
o adolescente louro que morreu esmagado na ma-
nhã de hoje.

MARACATÔ

"Para Graziela Cabral"

Meu santo Cosme, meu São Damião,
meu santo Cosme, meu São Damião,
lá vêm Sinhazinha de chicote na mão, (Cantado)
lá vêm Sinhazinha de chicote na mão,

Sinhazinha faz negro sofrer,
estala o chicote nas costas da gente,
por Sinhazinha quem não quer morrer? (per-
guntando)

O perfume de Sinhazinha vem na ponta da chi-
lbatô,
o corpo de Sinhazinha vem p'ra da gente,
por Sinhazinha quem é que não mata? (pergun-
tando)

Meu santo Cosme, meu São Damião, etc. etc.

Sinhazinha faz corpo de negro sangrar,
sofrer, chorar, sofrer, chorar;
noite de lua Sinhazinha ouve a ganzá,
vem p'ra terreiro, com negro dançar,
Ogum, Odê, Alufá,
Sinhazinha tem sangue, se tem,
do negro cambinda, de Madagascar,
de negro cambinda, de Madagascar.

ASSONBRAÇÃO

"Para Graziela Cabral"

O sol quente queimando a sensação,
a manhã é toda de luz;
da Casa-Grande um suspiro se oxala,
é alma de sinhô, penando perdida,
pagando os pecados que fez em vida.

E nas noites de luar...

A roda rodando,
o engenho moendo,
caldo esfriando,
chicote comendo
costado de negro,
de negro que então
um lamento perdido,
em noite de luar,
invocando Ogum,
pedindo a Orixá.

Meu pai de santo, meu pai de terreiro,
eu digo que há,
nesta manhã de sol,
em noites de luar,
negro gemendo, cantando cantigas,
chamando Aruanda, chamando Yemanjá.

POEMA

O Capitão tem vinte e duas mulheres,
vinte arcas repletas de ouro e prata;
a tenda do Capitão é de damasco vermelha
com franjas de ouro finíssimo.

— Vamos matar o Capitão?

— Não!

— Eu tenho o olho vasado por um inimigo
e uma perna de pau;
as mulheres fogem de mim
porque já de longe eu me anuncio.
Tac, tac, tac.

E como é o Capitão?

— Belo e tem olhos azuis
como as noites do Mediterrâneo;
ninguém é mais audaz do que ele no saque
nem mais avarenta na hora da partilha.

Vamos roubar o Capitão?

— Não!

— Somos cadáveres, companheiros,
temos pernas, braços e orelhas
sepultados nas águas azuis do Mediterrâneo.

— Vamos matar o Capitão?

— Não!

POEMA

Silêncio para que o mundo renasça;
silêncio para que as noites voltem a ser puras,
silêncio para que o mundo renasça
e voltem os mares, os rios, as fontes, os córregos
e os mais frágeis regatos a deslizar docemente,
acalmado febres, dessedentando lábios,
levando impurezas.

Silêncio para que as palavras sejam inaudíveis
e possam atravessar o infinito;
silêncio para que o mundo renasça
e voltem as chuvas, e volte e vento bom
que apaga todas as sombras.

Silêncio para que as lágrimas se cristalizem
e se transformem em sementes.

Silêncio para que o mundo renasça.

BLACK-OUT

Torcidos os comutadores
resta-nos ainda a luz das estrelas de Deus
e elas, decerto, não nos apontarão aos passaros
da morte.

Torcidos os comutadores
façamos das paredes do nosso quarto
mata-borrão para enxugarmos nossas lágrimas
amargas.

Agora nem sequer podemos mais fugir para o
lmaiz simples sonho.

E através das vidraças enlutasdas
não deixemos que nossos olhos vejam nunca
a morte das paisagens da infância
que amaremos até a morte.
E se isto acontecer,
com amor, heroísmo e fé
tudo reconstituiremos para as gerações que dor-
mam em nossas veias.

E se isto acontecer,
nosso quarto ou triste refúgio não será jamais,
lá, jamais
a nossa tumba.

A ESTRELA SOBRE CINCO CONTINENTES

Dos escombros ardentes de cinco continentes,
do luto de todas as raças,
do pranto de todas as raças,
sobre mares, rios, montanhas, céu e nuvens,
sobre a agonia universal, sobre a agonia das
flores,

lúcida e viva brilhará sempre a estrela.
Mesmo no mundo morto,
em todos os tempos,
sobre as sombras do infundável sono,
sobre os olhos cansados de não chorar
e que se fecharam tendo nas retinas a última pai-
sagem,

ô estrela rainha, brilharás sempre.
De todas as tempestades,
de todo o sangue e luto,
sobre os escombros ardentes de cinco continentes,
das ódios que não morrem nunca,

na manhã que virá da noite,
da noite que não sabemos donde vem,
sobre este mundo, vivo ou morto,
ô estrela, ô fonte, ô rainha da noite, brilharás
sempre.

MENSAGEM PARA PATRICE DE LA TOUR DU PIN

MON-CHER PATRICE,

não tenho castelos, nem rosas, nem amores,
nem sei as velhas baladas que agitam docemente
as águas da Mosella, do Sena e do Loire,
as velhas baladas que os poetas pastores cantam
ao entardecer.

Poeta amado,
viu-te nascer e morrer este céu belo e sereno,
e é nele, enfim, que encontraremos a paz.

Neste instante, saltam lágrimas dos meus olhos
e caem sobre este poema como gotas de orvalho
sobre a terra;
neste instante, eu penso que jamais os canhões
lassassinos

conseguirão destruir os teus canteiros,
onde as violetas e as lilazes crescem e se des-
folham,

neste instante eu penso que jamais
os torpedos assassinos atingirão a coração do mar,
do mar que tanto amaste e louvaste em poesia, do
mar que eu tanto amo.

Tudo é inútil, poeta,
as estrelas são alvos de Deus e nunca de ódios.
Aqui, Patrice,

as tardes são de uma calma angustiada;
esperamos, tão somente, e neste instante,
o irmão bem amado toca uma "chanson"
e em seguida um suave "lled",
com as mãos leves, com a alma sem rancores,
e o sol se põe sobre o mar tão docemente
como uma abelha sobre uma flor;
nesta hora tranquila, poeta amado,
descem as primeiras sombras sobre o irmão e o
amigo

que erram comovidos no meu jardim
escutando os rumores surdos das ondas da mi-
lha praia.

Um dia, Patrice,
eu estarei contigo na plataforma do teu castelo,
de onde olhavas, outrora, as estrelas
baixarem sobre os telhados de Paris,
um dia Patrice, estaremos juntos e felizes
contemplando com os olhos do nosso espírito
as estrelas baixarem sobre os telhados do mundo.

BALADA A PATRICE DE LA TOUR DU PIN

Se andas oculto no doce e trágico silêncio que
desabou, eu te encontrarei;
se mergulhaste em qualquer bosque sombrio e
lúespo, eu ordenarei que as
estrelas te procurem.

Então surgirás com a Poesia, e cada escuridão
será dia límpido, e cada ma-
lha uma suave noite.

Se te perdeste as aves te encontrarão; se tens fo-
lme as árvores te darão frutos
e se teus lábios jovens e tão amargos estão febris
leu te emprestarei

minha Musa ou minha amiga para que te socies.
Nem sonhei que teu corpo era a vela de um fu-
gitivo barco, que o vento arre-
batava para minha praia:

e eu te recebi nu e purificado, depois do despertar
agitado de uma noite sem fim.

e tomavas minhas mãos que se transformavam em
labélas, e teus rastros escre-
viam imortais poemas:

e penetras meus olhos como se neles buscassem
la verdade desta poesia que me
arrebatava deste mundo aflito;

e quando despertei
do sonho, lá fóra, o mar grita-
va e o vento gemente era co-
mo o pranto amargo em teus
folhos azuis;

e havia em cada
recanto desta planície por onde
agora passeiam meus pés num
lansação sem nome,

POEMAS DE

uma misteriosa espera, uma inquietação alita,
e em meu coração vibrando sereno e forte
a mensagem deste poema que a ti dedico,
o adolescente que fugiste com a Poesia e nela te
locultas de todos os massacres!

POÈME POUR PATRICE DE LA TOUR DU PIN

Agora, repousas na eternidade,
como se na eternidade se extinguisse um poeta;
agora não haverá noites escuras,
nem manhãs nebulosas,
nem tardes quietas e frias
porque pura e limpa
tua alma paira sobre o grande e trágico massacre!

Em vez de cinzas e luto
vibras em meu peito, serenas e fortes,
cada um de teus poemas,
cada sonho de teus sonhos adolescentes,
cada palavra que restava por pronunciar.
Creio que tombaste como um pássaro ferido,
ou como uma palavra tranquila num angustioso
silêncio
ou como uma flor decepada sobre o pó da terra.

Cada estrela, cada noite,
é a própria respiração tranquila da vegetação
balbuciando teu nome;
na silêncio repousante desta sala
meus olhos acompanham a vóo alado de teu es-
pirito,

e meu corpo também sobre esta mesa
e minhas mãos inquietas e insatisfeitas
estão sobre as tuas como se possível fosse
tua presença neste instante de mistério.

Agora surgem mercegos
que deixam cair sobre meus ombros
veus de luto,
e aliando as paredes úmidas desta sala
vejo escorrendo, uma a uma, como gotas de
sangue,
lágrimas-amargos

Choro porque penso nos teus lábios amargos
na febre de teu corpo,
na insânia de teu espírito;
e no silêncio repousante desta sala,
ouço o mar,
e a brisa que a cada instante
balbucia teu nome, Patrice de La Tour du Pin.

POESIA

PARA YONE, A DIVINA.

Dormem ainda em mim, num silêncio sem
lágrimas
os grandes poemas que minhas mãos não pude-
ram rasgar;
dormem ainda em mim as grandes nuvens
que moram nos meus olhos;
dorme em meus ouvidos o canto das aves esque-
cidas
e em minha alma se esconde um crepúsculo mas-
sacrado.
Depois que minhas mãos se ensanguentaram pro-
curando poesia,
fiquei perdido nas constelações loucas que ilumi-
nam minhas solidões...

Agora meus pés caminham, caminham,
sei que vou me perder no antigo deserto
onde morreram os que se uniram para meu tor-
mento.

Dormem ainda em mim grandes poemas, inco-
mensuráveis poemas,
em minha alma, em cada gesto, em cada pranto.
Sou um pirilampo que nasceu de uma estrela
e agora vago incerto de um plano a outro plano,
de uma morte para outra morte.

POEMA A DEUSA DA POESIA

(Para ADALGISA NERY)

Depois de desvendar o mistério que te faz sofrer,
voarás com a tua poesia cristalizada,
vencerás o azul,
as estrelas se afastarão à tua passagem,
os teus versos se transformarão em milhões de
estrelas,

a tua angústia ficará estampada no azul,
a tua alma repousará serena
numa nuvem que te levará a outros ritmos,
uma estrela repousará no teu seio,
a incognita será revelada,
uma luz mais forte que a luz iluminará a tua face;
mãos mais ligeiras que o vento
executarão uma sonata quando a noite vier bai-
xando em pianíssimo.

POEMA

(Para OTAVIO DE FREITAS JUNIOR)

O corpo arroxeadado, a face estranha e azulada,
outro homem vindo não sabes de que mundo
emudecendo cada uma de tuas palavras,
dilacerando o teu corpo, importuno como um
perfume,
dormindo impossível no teu espírito:
expulsa este homem que tem mapas desenhados
na palma das mãos,

cujas salivas são como o absinto,
cujas palavras inundam teu corpo casto, apesar do
luto,
de suor, de sangue e de lágrimas;
não olhes os seus olhos,
porque neles há perspectivas loucas de viagens
através de terras de cura e de cinzas;
não o toques mais,
para que não sintas teu corpo morrer no seu
ventre.

Salva tua rota porque longo é o teu caminho,
toge mesmo sem ventos, nem bússola, nem
roteiros,
precipita-te no primeiro vulcão que encontrares
porque melhor será que tuas cinzas se transfor-
mem em humos
do que em unguento para as feridas desse homem.
Não deixes mais que sua mão de Golias
tão suave quanto um canto de Davi
penetre teus pensamentos,
porque longo ainda é o teu caminho.

POEMA POST-ECLIPSE

E as borboletas emigraram assustadas
porque despertadas os mercegos cruzaram a escuri-
tude duma brevíssima noite.
Com cocos de vidro e elírios ardentes
vi alguns poetas construírem poderosos telescópios
e Murilo Mendes empunhando uma espada
decepar de um só golpe a cabeleira de Santa Ma-
ria Egípcio.

Surgiram então querubins
e arrebataram o corpo da complexa santa,
voltaram as borboletas
e precipitaram a cabeça da belíssima solitária no
sereno mar.

Um espectador se converteu a executou saltos
mortais,
mas foi transformado em corvo
e sumiu no mar horizontal.
Ante o céu, ante o mar e ante a sereníssima noite
eu adormecida estava,
porque a mão do amigo corvo arrebatou a única
locação que me protegia a vista;
ante o céu, ante o mar e sob a finíssima luar
eu adormecida estava,
mas ouvi o tropel dos cavalos que se transformam
em deuses
que executaram mágicas num picadeiro de es-
trêlas anêmicas.

Do dorso do menor centauro,
a amiga desaparecida se conforçou ao primeiro
líder
do regente da orquestra.

Bruscamente mulher e cavalo se confundiram
com libélulas
que dançavam uma velha valsa de Strauss.

Eu adormecida estava,
e a platéia protestou,
mas fui salvo pela escorpião amestrado
que desempenha um grande papel neste circo.
Desperta, agora, procura o eclipse
e não o encontrando suicida-me
para não prosseguir esta vida ridícula e sombria
que a todos conduzirá a eclipses totais.

PAUSA

Neste meu simples quarto de estudo
penso muitas vezes onde ides habitar depois de
mim,

livros de meu agrado,
retratos familiares ou de amigos, canetas e lapis
(com que escrevo;
e o retrato de meu pai onde irá orfão de mim?
Em que antiquário se cobrirá de poeira entre coi-
sas profanas?
Que destino tomará a mesa em que escrevo, a
cadeira em que me sento
e em que doces pessoas amadas repousaram?
Onde passarão a habitar os gestos, os olhares,
o contacto dos seres que dormitam colados a es-
sas coisas?
a mão em lys da que numa tarde pôs no es-
paldar,

e ia tocar o poema e o interrompeu em meio?
E os sons das músicas queridas? e as vozes doces
que vinham dos sonhos agitados
e que alta noite penetravam pela janela aberta?
Tudo isto orfão de mim sem teto e sem repouso.
Irás procurar-me em minha tumba
ou vaguear como cadáveres de insetos?

Neste meu simples quarto de estudo,
penso nos alhores dos que me quiseram bem,
nas réstegas que a claridade me enviou,
nas sombras que me envolveram de mistério
na ventania que uma noite veio do alto mar
com a vóo de uma desconhecida atirada nos
lúguas.

Neste meu simples quarto de estudo,
penso nas flores murchas entre as páginas dos
livros
ou na alguma lágrima embebida nas letras,
nas traços que sublinharam as frases mais
lamadas,
nos pequenos insetos mortos sob minha lâmpada,
Todas estas coisas orfãs de mim,
sem repouso e sem teto,
ficarão como sonâmbulos,
como orlaquins da luto?

Neste meu simples quarto de estudo,
penso nas preleções que moram atrás dos vidros
lou da penumbra diáfana

nos mais puros estados d'alma
que poram atrás das sombras amigos
— magues que existiram atrás de ciúmes,
desenganos que surgiram atrás de grandes ra-
núncias,
olhares que seguem passos inquietos na noite.
Todas estas coisas orfãs de mim, sem repouso e
sem tetos,
ficarão soluçando com frio nos parques sem
folhas?

Neste meu simples quarto de estudo
vão meus sapatos caminhando na chuva.
O senhor mendigo,
presta atenção para não molhar os pés!

O MUNDO DO POETA

(Para MANUEL ANSELMO)

No meu tranquilo mundo de poeta
pouco importa que os reis caiam
e os rainhas também dos tabuleiros de xadrez
sob as patadas dos cavalos,
sob os risos dos babos;
no meu tranquilo mundo de poeta,
há um céu imenso, deserto e sem limites.

Se algum dia dele cair uma
bomba entre os lilazes
azuis dos meus canteiros
esperarei a chuva e então,
farei um lago sereno
onde nadarão alvos cisnes;
no meu tranquilo mundo de poeta,
posso dormir e sonhar
por que há estrelas caindo
sobre o meu telhado
de telhas vermelhas como sangue,
e, enquanto isto, sei que o
resto do mundo não
dormirá nunca.

E ainda, no meu sereno mundo
ou reino de poeta,
sem glórias, sem lágrimas, sem tronos,

DEOLINDO TAVARES

sem ódios, sem paixões e sem amores,
as auroras vêm e voltam
as estrelas vêm e voltam
em cortejos numerosos,
e com estas mãos que escreverão
poemas até a morte
cova, na terra úmida, minha
velha proprietária,
os canteiros onde nascem e
lançam os lilazes azuis
e as margaridas brancas
como pequenas óstias.

No meu tranquilo mundo ou
reino de poeta,
existe aquela imensa paz
que se sucede aos internos rumores
e gritos de morte das grandes
e inúteis batalhas.

POEMA

(Para meu amigo MAURO MOTA)

Já pensaste por acaso, quando repousas em teu
[teto]
contemplando com os olhos vagos o teto branco
[que te cobre,
já pensaste por acaso que este teto é um limite
[insignificante
que esconde de tua vista as mais belas constela-
[ções de Deus?
Não, teus olhos não poderiam ver tanto,
nem mesmo quando curvas tua cabeça triste pa-
[ra a terra;
já pensaste por acaso nos caminhos que tens de
[percorrer
abrigo em teu corpo uma alma incolor?
Não, se olhos o teto do teu quarto, vês alguma
[sombra vaga
ou um insecto passear tranquilo e ausente;
se olhos a terra, pensas somente que poderás fugir
[para os vales serenos
onde teus pés não encontrarão asperezas.
Um dia disseste: eu vi o Mar!
Não alimentes esperanças
porque são indeléveis os manchas de teu espírito.
Agora nesta noite calma eu contemplo o teu sono
e sei que despertarás sem sonhos.

POEMA

Nasci para semear Poesia
sobre a raça dos homens nascidos tristes
Nada desejo deste mundo aflito e louco
senão repartir a noite e o dia
com aqueles que ainda vivem
na sombra dos primitivos mundos.
Nasci para semear Poesia
sobre a raça dos homens nascidos tristes.
As sementes já lancei à terra, ao mar e ao céu,
e quando flores cobrirem a terra, o mar e o céu,
eu poderei morrer mais uma vez.
Neste momento somos homens
vivendo perfeitamente mortos, perfeitamente
[inúteis.

EU TE AMO

Eu te amo em cada palavra que pronuncias,
em cada olhar, em cada pranto, em cada gesto do
[tuas mãos finas e nervosas, eu te amo;
resuscitaste para meu tormento e tormento de to-
[dos os homens;
eu te amo no som da tua voz,
que ecoa na minha solidão como um cântico
[sagrado
em qualquer templo abandonado;
eu te amo porque és boa, porque és impura.
Sei que teu corpo é uma planície desolada
onde está enterrada uma sombra perdida
e outra sombra que nele vive serena,
que te arrebatou, te transformou e te ausenta da
[mim.
Existe na memória de cada minuto da minha vida
e assististe as transmutações que os séculos ope-
[raram em minha face.
Eu te amo e te desejo,
eu te amo, ó impura!
Eu te amarei na eternidade de outros vidos, em
[mil noites.
Tu me resuscitarás.

LIBERTAÇÃO

Agora alho tranquilamente qualquer paisagem
[sem nela te encontrar,
qualquer rio sem pensar em teu corpo,
qualquer nuvem sem pensar em teus seios,
qualquer flor sem pensar em teus lábios.

Agora todos os caminhos são suaves porque me
[desencantei de ti!

LAMENTO

Sou um cipreste que faz sombra sobre teu corpo.
Se aqui, os outros em breves momentos vêm
[chorar,
há séculos que eu choro e me agito loucamente
[sobre ti.
Procura te abraçar num último esforço,
e veja-me uma chama que não consegue te
[aquecer,
uma carícia que não desperta mais a tua carne
[morta.
Tua imagem se fixou tão intensamente em meu
[pensamento,
que às vezes imagino ter o destino cinzelado tuas
[formas nas minhas.
Nada apagará essa visão que preencho o vazio
[de todas as minhas horas.
A face de teu espírito adormece sobre a minha,
quando as estrelas despertam para as longas tra-
[jetórias:
não me surpreendo quando uma doce tranqui-
[lidade baixa sobre meus gestos cansados:

são tuas mãos que se alongaram,
que atravessaram os espaços vazios,
as regiões iluminadas onde hoje habitas.
Meus lábios perenemente se descerram
para proclamar a tua existência em todas as fo-
[ses de minha vida.

Vejo-te diante de mim,
falo uma linguagem misteriosa que somente teu
[espírito pode decifrar.

Sou um cipreste que faz sombra sobre teu corpo.
Para te ressuscitar,
daria meus próprios membros que se completa-
[riam com os teus.
Ninguém jamais perceberá que minhas raízes
[profundas
envolvem teu corpo tão amado!

Sou um cipreste que faz sombra sobre teu corpo.
Se não despertares, crescerei sobre ti como a
[sombra amiga da murta.
E tua ausência será lamentada mesmo pelos que
[nunca viram tua face.

POEMA

Hoje encontrei na minha praia
uma barbatana de peixe, uma aza de onjo mor-
[to no mar
ou talvez uma simples aza de borboleta envolta
[em o'gas.

Mas não penso em nenhuma fuga
porque meu coração está tranquilo
e cheio de paz que fugiu do coração do mundo.

Hoje encontrei na minha praia
uma aza petrificada e de facetas cortantes
mas não penso em trespassar meu corpo
— meu corpo é humus para os jardins de Deus.

Não será esta aza de algum avião
levando em fuga algum rei sem trono?

Esta aza repousa agora inerte ao lado de teu
[retrato
e dela não mais preciso para fugir
porque meu coração está tranquilo
e cheio de paz que fugiu do coração do mundo.

O POETA

Sou mais pobre que Job
sou mais rico do que Salomão,
Sou um poeta. Sou o maior de todos os desco-
[bridores.

Sem navio, sem bússola e sem leme,
descubro istmos e estrelas.
Posso ser amado e odiado, condenado e insultado,

sem adiar, sem condenar, sem insultar.
Sei tão somente amar e perdoar,
Não tenho castelos, nem rosas, nem amores,
mas, em misterioso sonho
ora passeio no carro de Salomão,
ora durmo sobre as cinzas de Job.
Alimento-me do céu, de flores e de beleza eterna
dos paisagens de Deus;
adormeço num som,
desperto numa cor,
morro afogado no mar de uma inesperada estrêla.
Para mim não há, nem ontem, nem amanhã,
[nem depois,

vida e morte, alegria nem dor.
Para mim o dia é uma eternidade.
A eternidade o menor tempo;
para mim o tempo não existe,
pois rasguei todos os calendários do mundo.
Um dia, tendo as mãos límpidas, a alma serena
e pureza em meu coração,
caminharei em firmes passos para o céu de
[Cristo ou de Mahomet.

LOUVEMOS E AMAMOS AS COISAS MAIS SIMPLES DESTA MUNDO

talvez não ames como eu amo
as coisas mais simples deste mundo,
talvez não ames como eu amo
este jarro azul, ou o pobre lírio que jaz murcha
[e esmagado
entre as páginas de um capítulo encerrado.
Sei que somente meus olhos podem ser felizes
olhando os pequenos objetos, as pequenas lem-
[branças
que dormem na gaveta desta mesa,
sei que somente eu posso amar estas paredes
[simples
de onde pendem retratos e paisagens,
sei que nunca amarei como somente eu posso
[amar
este pequeno Mozart, petrificado e envolto em
[celofane
para que os insetos não possuam pela sua face
[amada.
Não acreditarás que somente eu possa amar
estas aranhas que armaram teias nos cantos de-
[sertos deste quarto em sombras
onde me refugio nos meus desesperos?
Talvez não acredites nunca
que a meus ouvidos soa musicalmente o canto
[dos gritos
e os ruídos dos morcegos que esvoaçam
ora lá fora no meu jardim tranquilo,
ora em torno das minhas frentes febris mas se-
[renas.

TRA-LA-LI — TRA-LA-LA

Um farrapo azul, um jardim murcha,
um andarinho cinzento
comprimido entre nuvens gigantes no céu de
[chumbo.

Tra - la - li
Tra - la - la.

O eco de uma misteriosa voz
morre nas cordas da harpa dourada
escondida num recanto úmido da sala de visitas.

Tra - la - li
Tra - la - la.

Um pinheiro agitando o vento,
o vento varrendo a poeira dos livros.
Folhas em branco, subitamente,
sobrepõem no cubo exato do quarto da dormir
como aviões, gaivotas ou borboletas.

Tra - la - li
Tra - la - la.

Uns olhos enormes abertos na escuridão,
um coração arfando no silêncio mortal.
Cada pancada é precedida pelo palpitir suave do
[relógio antigo
de mostrador sensual como um seio de virgem.

POEMAS DE

O PALHAÇO

Vestiram-me esta mísera roupa de palhaço,
e pelas estradas, sob todos os noites, sob todas
as estrelas

cominho, cominho sempre.
Vejo que as mangas estão bem curtas,
também as calças estão bem curtas,
mas cominho sempre,
sem circo,
sem tropéio,
sem arena e sem amores cominho sempre.
Antes de minhas exhibições
tenho como espelho a espelha das grandes lagoas
onde se miram os frágeis juncoas,
onde repousam os inquietos pirilampos.
Mais tarde, quando, enfim, eu arranca e mascero,
balará o azul, o branco, o róxo e o negro.
cores de meu desespero, cores de todos os risos.
Sou de uma troupe única no mundo:
vestiram-me uma roupagem que não me pertence,
e ela comprime meu coração, meu cérebro e
meu espírito.

e contudo não posso despi-lo;
sou de uma troupe única no mundo,
por que meus comparsas não cobrem jamais o
meu rosto

e têm-na descoberta até a morte.

De mim, todas riem.

Sou o palhaço universal.

O ENCONTRO

Vou me encontrar com Cristo
a uma e meia da manhã.

Por que os caminhos não se fizeram áspere
muito embora tenham brado sedes de rios
às margens dos caminhos?

Vou me encontrar com Cristo
a uma e meia da manhã.

Por que, então, neste momento
não me cega a estrela das grandes vigílias?
Preciso mais do que nunca estar desperto,
e sinto que adormece sobre finíssimas lâminas
de ouro.

Tenho que me encontrar com Cristo a uma e
meia da manhã.

Mas o vento não canta sinfonias enlouquecidas
nem os espinhos dos roseais se cravam em meu
peito.

Sinto que me transformam em minúscula grão de
poeira

no silêncio da noite obscura.
Preciso estar desperto, mais do que nunca des-
perto.

antes que o aurora ilumine os telhados da manhã,
preciso estar desperto,
mas há tantas encruzilhadas e caminhos áspere,
tantos desesperos, tantas incertezas.

Ele me espera, mas não o encontrarei ainda.
Estou adormecida sobre finíssimas lâminas de
ouro.

EU

Nas minhas veias corre o sangue dos manceguinhos
que morreram à sombra dos árvores dos caminhos
desertos.

nas minhas veias cantam trovadores vagabundos
que não me abandonarão nunca, nunca
porque deles me alimento de poesia e me abra-
ço de amor.

oh estrelas e constelações do Deus
adormecidas na profunda azul que cobre minha
cabeça;

oh passaros que despertais felizes
dos noites profundas e serenas onde erro insone;
oh rios que ferem o seio da terra arrotando con-
sição

as almas dos que morreram tranquilos no mar;
oh flores que eu posso colher, para coarçar tua
liberte pálido,

nas minhas veias cantam trovadores vagabundos

que não me abandonarão nunca, nunca
porque possuem nas planícies da minha alma
onde tudo é deslumbrante, pôr de sol, noite fria,
lucidez, vida, morte e ressurreição.

POEMA

(Para o grande Fomentação
trito por Jorge de Lima e por
Declínio Tavares).

As pombas se recolheram às cornijas das ca-
tedrais.

escutemos os sinos das catedrais dobrarem finado
por esta geração que agoniza,
atrás de mundos que nunca possuirá.
As pombas das cornijas das catedrais arrulham,
enquanto os pássaros constroem ninhos
nas naveas abandonadas que dão refúgio e paz.
Somos autómatas solitários e de cabeças deca-
[podas]

Agora ressurgem do pó da terra
Sodoma e Gomorra que serão eternas,
agora a mão do poeta poderá ver opor
a transitoriedade da própria beleza
ou os corvos tenebres e fantasmas que dele se cir-
[mentarão um dia]

Portanto, não embelezas tua face, mulher amada,
embeleza teu espírito!

As pombas arrulham unidas e felizes
nas cornijas das catedrais,
sem despertar o homem que sonha com o gigan-
[te nubi]

conduzindo Saturno na mão como um beijo-flo
[recomensado]

Esse é um poeta ou um louco porque sonha,
e não vê que o romântico asqueroso enlanguescerá
[como uma flor]

esse homem será castigado e morrerá sob o pu-
[nhal que não matou o Leão]

mas o Leão representa a besta, e as bestas domi-
[nam a mundo]

Deixemos este louco sonhar
e voltamos-nos para os cavalos que estão num pri-
[vilegio de estrelas no espaço ilimitado]

deixemos este louco sonhar,
porque o mar está tranquilo e esquecido,
a noite está tranquila e esquecida,
porque estamos todos tranquilos e miseramente
[esquecidos]

Deixemos este louco sonhar,
embora as pombas sonhem sonhos antagônicos
embora as pombas sonhem com os libélulos que
[levam nas antenas]

rotários de constelações que nunca brilharão
[lá do este mundo]

imensa constelação onde tudo inevitavelmente se
[perderá]

PRIERE

Enchem-se os meus olhos de céu e de espaço;
dissipem-se na longínqua horizonte
estas nuvens cinzentas que me transformaram
no complexo e solitário homem que eu sou;

vibrem na sonolência de meus sentidos
e inefável ruído dos ventos, do menor pedrão
[fretar suavemente]

em meu peito o mesmo pulso de meu coração,
cada som se transforma em sinfonia louca,
em doce cantata, ou em nervosa prestissimo.

Enchem-se angustiosos minutos desta
viagem brevíssima e insensata
de tua presença, de tuas palavras
da alegria feliz de teu rosto: e meus lábios têm
[lmois os verás amargos]

que tudo se transforme,
se multiplique e se separe numo desconcertante e
[delicioso confusão]

Então sentirei que nada mais é preciso desejar.

O POEMA DA MISTERIOSA FACE

A beleza nasceu com o sofrimento em teu rosto
[Isigo com uma frase musical]

perdida em sole estranho.
Metade do mundo que te olha
[nêle sente a grande indiferença de Deus]

As vezes quando despertas

Tro - la - li
Tro - la - li

O corpo se retorcia convulso
na alucinante noite,
a noite penetra pelas frestas da janela
fechada aos amigos marcegos solitários.

Tro - la - li
Tro - la - li

Mozart — mil setecentos e cinquenta e seis,
mil setecentos e noventa e um.
Resta um espectro moldado em branco gesso,
um gato de rendas onde habitam microscópicos
[troças]

e uma cabeleira de ouro brilhando
na vazia da noite impertuna.

Tro - la - li
Tro - la - li

NUNCA ESTAMOS SÓS,
NUNCA ESTAREMOS SÓS,
NEM MESMO PERFEITAMENTE MORTOS.

Tro - la - li
Tro - la - li

O CONDENADO

Na praça pública do meu país natal,
ergueram a máquina que vai me torturar ao al-
[trecer]

a máquina que partirá meus ossos,
esmagará meu cérebro, minhas idéias
e comprimirá meu espírito mortal.
Amanhã os arautos anunciarão
que há um condenado para o delírio de todas as
[classe]

virão mulheres com mantilhas vermelhas
trazendo na braço cestos com maçãs e frutos da
[terra]

virão homens com ares de anjo
olhar minha degradação.
Os espíritos já estão no meu encalço,
mas não me encontrarão nunca
pois estou protegido pelas sombras das noites
[eternas]

Os cães já foram postos no meu encalço,
mas, quando me encontrarem, lambem-me-las as
[mãos]

Estarei sempre obrigado
sob o manto dos estrelas de Deus
que glorificaréi até a morte em poesia.

O JOGO

10, 26, 9, preto, branco, fichas, mais fichas,
brancas como óstias, azuis como olhos de céu,
vermelhas como glóbulos de sangue
deslizando mansos pela planície suave do mesa
onde há destiladelhos mortais.

Tiram a espelha do salão
para que eu não veja meus olhos fusilando,
afastem minha irmã porque minhas mãos que-
[rem estrangulá-la]

afastem meu pai, porque sou capaz de enforcá-lo.
11, 13, 9, 6,

os ventos estão parados
e contudo meu coração palpita tão bruscamente
que agita de leve as cortinas do salão.
Arranquem as cortinas, deixa-me olho espiao,
abandonem-me, mãos brancas e nervosas
que me seguem como detetives ou como minha
[próprio sembra]

10, 7, 8, 3,
azul, verde, vermelho, amarelo, preto,
— a noite, lá fóra, parece não existir mais;
larga-me, Ana Bolena, meu corpo não quer
[dormir]

Sou um homem espiado pela espia da Cár-
[te Real]

tenho um corpo frio e triste
amortalhada na cauda do vestido
da maligna Ana Bolena.

5, 4, 8, 0,
as estrelas lá fóra parece que morrem,
e a noite deve ter cessado.

Só existe o branco, vermelho, preto, vermelho,
[preto]

DEOLINDO TAVARES

E corres a te mirar na cinzento espelho de tua pa-
lrede,

não vês uma floresta virgem,
jardim misterioso ou inquieto mar;
Acredita que somente os mercedos sofrimentos,
as feridas mais profundas,
e o pranto em teus olhos
por onde escorrem lágrimas vermelhas
te ensinaram que neste inferno do mundo
nada subsiste,
que tudo se destruiu em princípio,
que tudo ressurgiu da própria destruição
também assim desaparecerá um dia
a beleza que nasceu com o sofrimento em teu

como uma brevíssima frase musical
perdida em solo estranho.

CONFISSÃO

Tenho o espírito de dançarino,
de Caliban e de Ariel, da força suprema
que impele meu corpo para um mar ou para o
de onde sempre ressurgiu coberto de luz e salpica-
do de estrelas;
danço para a noite, para o vento, para o mar,
para as estrelas, as inesquecíveis estrelas
que são os companheiros das vagabundas
adormecidos sem sonhos nas estradas longas e
desertas.
Um dia dançarei para as que morreram
e têm ainda no peito a inquietação e a cansaça
onde tudo é dor, onde tudo é pranto, onde tudo
é morte.

POEMA

Homens de coração de aço
e de mãos geladas como estêpes,
escutai Mozart e estareis salvos!

O autômatos de minha geração
de olhos de vidro e boca amarga
vinde olhar os azares de Deus
e estareis salvos!

Homens mais frágeis que as hostes de miríadas
rosas,
vinde olhar minhas rosas e estareis salvos;
vinde olhar também estas nuvens esgarçadas e
flutuando sob o azul, como cegonhas ou extra-
linhos veus,
e estareis salvos!

Homens sem desejos e sem esperanças,
manequins pálidos e débeis que se curvam ao
menor sôpro,
ainda sois homens, contudo, em face das auras
das de Deus!

POEMA

Amo-te, ó grande e desconhecido Oceano,
amo-te, ó espumas intranquilas
que mais parecem as lágrimas daqueles que por-
tiram

e voltaram tristes, miseravelmente tristes;
eu não receio tuas fúrias
porque às vezes, dentro do meu peito
pareces gritar em tempestade.

Leva para teu seio minhas dores,
leva para teu silêncio
o pulsar do meu coração ardente,
quebra o encanto dessas ansias de louco
porque terei sempre mãos vazias e olhos tristes.

Mas nunca, nunca, eu deixarei morrer em mim
esses poemas; eles ecoam nas noites imensas
que te cobrem de estrelas.

Amo-te, ó grande e desconhecido Oceano
porque és meu companheiro triste, e estás sem-
pre comigo
mesmo nesta insônia que me faz errar perdido e
louco
através do sono tranquilo daqueles que ainda po-
dem sonhar.
tua bem amada entre tuas mãos tranquilas.

POEMA À MÁQUINA DE ESCREVER

Vaam os dedos sobre o teclado —
2'3E4%566(7)-9\$5!º um flecha
e as letras se transformam em frases,
e as frases se transformam em poemas, en-
teleguiuz.

No silêncio da grande noite,
cada palavra vai sendo construída rapidamente
provocando ruídos misteriosos,
perturbando o sono dos adormecidos serenos.

"qwertyuiop"
nestas letras e nestes dois sinais
estão contidos poemas imortais
que brevemente surgirão num simples retângulo
de papel.

asdfghkl;"
estas também se transmutarão em poemas,
ou delas surgirão personagens atormentados de
um romance,

estas agora fugiram dos meus dedos
e volteiam em torno do abat-jour
vermelho como um copo de sangue ou como um
copo de vinho.

zxcvbnm,2'—;
Zodiaco, signo fatal,
estas últimas, enfim, não contêm senão
os poemas que nunca serão escritos.

POEMA DE UM DIA DE FOME

Ah! poetas,
se vossas mãos não são frias neste fim de mês,
se não vos aparecem estrelas e constelações es-
tranhadas nesse meio-dia abrasante,
não acredito que haja poesia nos vossos poemas;
se no fim do mês
não ouvís ruídos que perturbam vossos sentidos
e vossos passos não são incertos,
ai de vossa poesia que nunca existiu;
se vossas pernas não estão trêmulas
com as flores açotadas pelo vento do verão,
pobre de vossa poesia;
se não naufragais na escuridão de uma vertigem,
lêde esse poema de um fim de mês
em que estou avistando presuntos e costeletos
pairando sobre minha cabeça,
vinhos e champagne molhando meus cabelos
nessa grande fome de fim de mês.

ESPERA

Estás agora entre céu e terra, e ao teu encontro
vem o grande mar,
Se voltas as costas para o grande mar, ao longe,
poderás avistar
as grandes montanhas e os bosques desconheci-
dos e impenetráveis;
se te deitares, ficarás cego porque não terás
olhos para as estrelas.

De mil modos estás perdido; se depressa comi-
nhares
morrerás no mar; se as estrelas alhares, teus
olhos vão cegar:
o se te aproximares da montanha, haverá terre-
motos, e só restará
teu espírito errante, e tuas mãos frementes que
não colherão nenhuma
rosa para tua imaginária bem amada.

Espera, haverá um dia a união de todo o Kosmos
e nela perpetuarás teu sangue que agora cir-
cula na
disformidade de teu corpo jovem e cansado;
espera e colherás rosas para os cabelos de tua
bem amada que a ti se revelará.

Então alharás todos os teus intranquilos
pensamentos se realizarem diante de uma eter-
nidade que
é ilimitada e desconcertante.

E terás mãos para colher rosas, e terás o corpo de

CÂNTICO EM LOUVOR DA NOITE, DO SONO E DO SONHO

(Para Aldo Lins e Silva)

Amo a Noite,
Porque mergulhando dentro de seus mistérios e
de suas sombras
posso repousar o meu pobre corpo manchado
e meu espírito corrompido dentro de seu silêncio;
amo a noite,
porque ela perdoa pelo mensageiro do sono todas
as minhas faltas.
Quando descanso meus membros quebrados e de
múltiplas formas,
podem os anjos e os recém-nascidos beijar minhas
facas
porque sonho que elas estão serenas e apresen-
tam a brançura das lírios.

Amo a noite,
porque sinto que o meu espírito se desprende
e se torna um grande dançarino dentro do vácuo
imenso onde mergulho.

Amo a noite,
porque ela arrebatou e lança no mar
todas as minhas tormentas, todos os meus
lamentos.

E vós, marinheiros incautos,
não repouseis enquanto o poeta dorme,
pois inconscientemente as manchas do seu espí-
rito se refugiam nas ondas
onde navegam vossos barcos sonolentos como as
estrelas vigilantes!

Mas essa tranquilidade passageira,
essa imobilidade e esse despreendimento
têm a duração de um suspiro de bem-amado,
muito embora pareça ao poeta
que séculos se desenrolam enquanto ele repousa.
Reza por ele enquanto dorme,
porque as passadas alucinações voltarão com a
amanhã,
reza por ele,
porque quando a noite o sono e o sonho fogem
de seu corpo,
desperta pensando nos prazeres que abraçam sua
cama e condenam seu espírito.

POEMA BIOGRÁFICO DE RIMBAUD

Eter, Ester, Etiópia, "le voyou Rimbaud",
corpo arroxeado,
face estranha, azulada,
um mundo de pirilampas
boiando no lago escuro dos teus olhos;
outro homem vindo não sabes donde,
em ti, importuno, como um delicioso perfume,
dormindo impassível em teu espírito.
Eter, Ester, Etiópia, "le beau Rimbaud", —
viste os mapas desenhados
na palma de tuas mãos
com rios de absinto,
com ilhas de sexos
com mares de lágrimas,
com perspectivas loucas de viagens
em terras de ouro, de sal,
sobre montes de seios, de ventres suaves?
Eter, Ester, Etiópia, Rimbaud, — "le jambé
coupée" —

eter é o único que leva a todas as rotas,
navia sem vela, sem côr, sem forma e sem cal-
maria,
singrando o hemisfério luminoso de tua cabeça.
Eter é o vulcão que sentirás em teu corpo
expelindo mel e flores numa constante erupção,
é a mão de Golias te estrangulando,
suave como um sonho de David.
Eter,
Ester,
Etiópia,
la solitude, l'angoisse, mon Dieu,
cette immense angoisse...

POEMA

Estamos irremediavelmente perdidos,
e só nos resta esperarmos o fim de tudo
nesse mundo onde ninguém se compreende
apesar de todos falarem a mesma língua,
sofrerem as mesmas dores,
viverem os mesmos segundos, sob um mesmo céu.
Estamos irremediavelmente perdidos,
olhando os campos que já não nos pertencem
(mais,

POEMAS DE

A NOITE E' UM ASILO

Se queres rever teus mortos,
procura-os nas noites sem estrelas;
se queres esquecer os dias passados,
os dias presentes e os dias futuros procura a noite!
Se tens necessidade de forças para os combates,
deixa que teus pés sangrem nos caminhos da noite
porque neles estão impressos todos os passos
dos desherdados e dos fugitivos.
Ela é repouso para os que sofrem a imensa de-
cepção da vida,
para os que se atormentam na Purgatória
e na face a brancura das lírios
e na corpa a serenidade do azul.

POEMA

Se tiveres sido forte, belo e ativo como um ver-
dadeiro anjo
acharás firme, quando diante de ti
encontrares serena e implacável, a morte;
se tiveres sido neste mundo um conquistador,
se tiveres atravessado estes caminhos,
e não tiveres esmagado sob teus pés a mais sim-
ples erva da planície,
acharás impavida a serena e implacável morte.
Se tiveres amado muito, dado muito e nada re-
cebido,
se tiveres olhada ao menos um momento de tua
vida
para os que alham somente a chã empoeirada,
vencerás, ô, sim, vencerás com um simples olhar
a serena e implacável morte
que um dia, imóvel, te reclamará.

POEMA

Um dia, diante de ti
encontrarás serena e implacável, a morte,
um dia, não sentirás o calor da sol
no teu corpo gelado, no teu sangue gelado;
então, quando diante de ti avistares
serena e implacável, a morte,
pensa em cada um de teus atos,
e se tiveres sido forte, belo, ativo como um anjo,
sentirás teus olhos se abrirem maravilhados
e verás renascer sob teus pés
as ervas mais simples dos campos devastados.
E caminharás ao lado da serena e implacável
morte,
como um conquistador, um anjo, como um sim-
ples e belo anjo.

ADOLESCÊNCIA

Que olheiras são essas que circundam os teus
olhos tristes,
menino adolescente?
Que tristeza é essa tua, menino adolescente,
essa tristeza que paira nos teus olhos melan-
cólicos,
e te torna contemplativo, à noite, olhando as es-
trelas que entram
pelas vidraças do teu quarto,
que durante o teu sono agitado, menino ado-
lescente,
te faz sonhar com meninas também adolescen-
tes, de olheiras mais profundas
que as tuas, e de corpo ainda mais esguio que
o teu?
Que sonhos são esses, que a noite povoam a tua
mente, e provocam
no teu corpo sinuosas, contrações e espasmos, e
por que depois é mais leve,
e por que amanhadas indolentes e com o olhar
mais vago?
Responde, menino adolescente,
que olheiras são essas que tornam os teus olhos
tristes,
que olheiras são essas que fazem surgir na tua
imaginação
evocações de meninas sinuosas e indolentes
como tu?

Responde, poeta adolescente.

POEMA DO MARINHEIRO

olhando os mares que não nos pertencem mais,
olhando um céu insensível
que apesar de tudo ainda é nosso e ninguém nos
tomará.

Enquanto não vem o fim,
pensemos no princípio, tragicamente imóveis
[nesta planície
onde todos vêm e estão miseravelmente cegos,
onde todos ouvem e estão miseravelmente surdos,
onde todos falam e estão miseravelmente mudos.
Estamos irremediavelmente perdidos.
São as mãos e os olhos ainda se compreendem mas
[se calam.

Ele tem um barco, estrelas e ininterruptos noites,
perenemente lhe embalando a sono
ele tem nos ouvidos a canção das tempestades,
[da longínqua infância;

quando o ancorar do seu barco
sangra o fundo do mar,
quando seu barco possui algum porto ou enseada,
ele desembarca e se embriaga para esquecer o
[último roteiro.

Ele não tem pai, nem mãe, nem amigos,
mas os seres invisíveis da noite estão nos seus
[sonhos e o protegem.

Ele tem um céu dentro dos olhos,
um céu imenso como uma bandeira desbotada
onde ainda encontra poesia;
seu corpo é uma grande tela
onde descobrires Píccoso e Chirico;
seus olhos já viram incantáveis mares,
vermelhos, azuis, verdes e negros;
ele não tem nacionalidade
e talvez não seja irmão do primeiro homem,
deve ser um poeta ou um beija-flor este mari-
[nheiro bêbedo
que um dia morrerá trespassado por um arco-íris.

UM OLHAR EM TORNO

Pensa na eternidade destas pedras,
tão tranquilas,
que se abraçam como irmãs, ou como amantes;
lembra-te que um dia
elas esmagarão teus sonhos
e te aprisionarão até a eternidade;
olha estas árvores que se agitam de leve,
ao soprar da brisa,
e estas folhas caindo sobre tua face triste,
como uma carícia de mãos bem-amadas.
Em torno de ti, tudo é eterno,
irremediavelmente eterno e imutável:
não vês que este rio de
[água tão ligeiras
já não se lembrará das faces que nele se miraram?
Bebe dessas águas
e sentirás o gásto amargo de lágrimas,
passela por estes jardins e estarás só.
Ninguém poderá fugir deste eu.
Nela nascem serenitas noites,
que te cobriam de poesia.

POEMA PARA UMA INFANTA DEFUNTA

O' andarilhos sem pausa
que errais perdidos entre as constelações de
[Deus
onde estará a infanta defunta
que velou aurora o sono de minha longínqua
[infância?
Há minutos passados baixou uma noite tão sa-
[lubre sobre minha agonia
que agora repousa numa quietude ilimitada meu
[tranquilo espírito;
há minutos passados, a luz mortífera da noite,
pude ver os negros azos de um morcego insone
[que fugia do luar.
O' doce infanta defunta,
vem carregar meus pálpitos fatigados,
vem enxugar meus olhos que choram pelos que
[ainda vão morrer.

HISTÓRIA DOS SETE SÁBIOS DE KALAGRTIANHRLA

[Deveis conhecer esta história]
Três amigos completamente bêbedos
me contaram hoje a história dos sete sábios
esquartejados antes de crucificado em línguas
[de viboras
às portas da cidade de Kalagrtianhrla.
Três amigos que só amam o vinho,
as mulheres e o sono
quiseram descrever-me os suplicios dos sete sábios
que eram seus irmãos pelo sangue,
pela carne,
pelos ossos,
mas nunca pelo sabedoria.

A história dos desgraçados mártires
está sendo cantada e cantada
por trovadores em forma de diabos,
mas a verdadeira história do que se passou
nas portas da rica e próspera cidade de Kalag-
[rtianhrla,
[homens bêbedos e lú-
[cidos;

um dia eu vos contarei, homens bêbedos e lú-
[cidos;
ela é mais trágica e mais dolorosa
do que a história de Nagrieloifu
filho do maior de todos os sábios
que morreu crucificado no monte que ainda hoje
é chamado de Hirihejktiro.

POEMA

Quem virá povoar este silêncio
que se abate como um pássaro ferido sobre tua
[vida?
Quem esmagará estes fantasmas
que surgem a cada instante
e te alucinam, e trazem o pranto amargo para
[os teus olhos tristes?
Ergue tua voz, límpida e forte
e atravessarás esta planície imensa
como um conquistador, como um deus ou simples-
[mente como um doce anjo.
Olha-te na espelha deste rio:
E's belo, triste e descobrirás mundos;
canta, o vento levará teu canto
e ele se perpetuará em os solidões dos desolados,
caminho, não por caminhos traçados por tuas
[indecisões,
deixa voar teu espírito, livre, puro, como uma ave,
e ele atravessará vales e despenhadeiros
como se fosse gêmeo dos grandes ventos perdidos
nares país remoto onde teus olhos não vêm pairar
[sagazes.

AS DUAS BAILARINAS DE MASCARAS

As duas bailarinas olharam as máscaras
e as duas máscaras diziam: Não!
A primeira vestida de azul celeste
tinha no rosto um signo sombrio,
seus olhos eram negros e negros tinha o coração,
a segunda era uma fáticeira
e vestida estava de limo verde
e nos seios tinha algas marinhas
e na boca venera
e seus pobres e já cansados pés
não pisariam mais nenhum palco.
As duas bailarinas de máscaras na mão
esperaram a noite
e puseram máscaras contra as estrelas de Deus.
A primeira depressa arrancou a máscara
mas insiste em trazê-la apesar de tudo,
a segunda, ainda mascarada está
e mascarada morrerá em solidão.
Meu Deus, salva a bailarina de azul
porque a fáticeira viverá demais
e terá sempre sob seu encantado manto a mi-
[sera poeta!

POEMA

A luz de meus olhos, minha alegria e meu pranto
andam perdidos nos teus olhos, Berenice;
a risa de minha boca,
morreu na tua boca onde tudo é segredo, Be-
[renice;
tú és a mulher incerta e desejada
que me renegaste lançando minha alma
num abismo de sombras;
tú me condenaste.
A cada instante
eu te encontro, em cada ângulo, em cada
horizonte eu te encontro sempre.
Eu me curvo ante tua Beleza e tua Sabedoria.
[Berenice,

grande Inquisidora que um
dia lançará minhas ossos no mar;
tú me condenastes e destruíste com teu sopro os
[inferno
as palavras que morreram como acasos na mi-
[nha alma.

POEMA

Agora e sempre
me cercam esta solidão,
e este silêncio angustiava que inquieto
as estrelas da noite;
lá fora o mar grita como um alucinado
e meus olhos tremem, e meus olhos choram
porque maior é o seu cansaço e a sua solidão
[sem nome.

DEOLINDO TAVARES

constante e inconstante,
quadrado a harmonia de um conjunto deshar-
monico.
Se ali em torno, as sombras se destacam e me
perseguem;
e peço que sobre mim venha morrer qualquer luz
porque perdidos e sós erraremos todos
até atingirmos o limite que não será ultrapassado
porque além dele, para nenhum de nós
podera haver ressurreições.

TESTAMENTO

(A Aida Neri da Fonseca)

A meu pai deixo minhas dividas
e a guarda da mulher amada
que nunca me foi fiel um só minuto de sua vida;
a meu irmão deixo minhas roupas e sapatos,
e que ele nunca ande pelos caminhos que eu
landei;

à minha irmã deixo a dentadura da pianola
para que ela se alimente pelo resto da vida
com a ilusão de que é uma grande artista;
e meus amigos, deixo meus vestidos de palhaço,
porque os seus já estão bem estrogados;
as filhas solteiranas, deixo minha memória
que elas imortalizarão num momento de lágrimas

terísticas.
Agora que dei tudo e só possuo meu corpo inútil,
peço que sobre ele plantem madressilvas e gera-
nias vermelhas
da cor dos gerânios vermelhos como sangue, de
Lawrence.

E já que vivi deste céu, deste mar e deste mundo,
deixo a este céu, a este mar e a este mundo,
a estas paisagens que encheram meus olhos e
que muito amei,
uma gaveta onde estão trancados poemas inor-
tais.
Não esqueçais de plantar sobre meu corpo per-
feitamente inútil,
madressilvas e gerânios vermelhos
da cor dos gerânios vermelhos como sangue, de
Lawrence.

CONVITE À CASA PATERNA

Homens tristes que passais,
podeis entrar e repousar à sombra amiga da
casa paterna.
Virde e escutareis o polpitar de cinco corações,
e a face dos cinco amores da vida de um poeta.
Virgens perdidos, que passais com o desespero
inalma,
podeis entrar também,
vinde olhar a irmã amada
a regressores mais limpidos à deserto noite.
No silêncio e na vastidão da casa paterna,
vinde repousar, ó poetas que tendes como única
abrigo

este bem amado e sereno céu.
Podeis entrar, que eu vos receberei,
pois não há indiferença nem egoísmo em meu
peito.
E vós, homens sem pátria, sem glórias e sem
fortuna,

entrai que vos espera um poeta
que não quer ser visto nem apontado.
Miseráveis de cinco continentes,
vagabundos trovadores dos serenos horas da noite,
se algum dia repousardes à sombra da casa pa-
terna,

amareis como somente o poeta pode amar
as figuras ridículas e enlutadas dos avós
que se debruçam em molduras douradas e car-
comidas

nas paredes da sala de visitas.
Bos velam o tranquilo sono
dos cinco amores da vida de um Poeta
sem ódios,
sem egoísmos,
sem honras,
sem indiferença e sem glória.

AUSÊNCIA

(Para Eliza, minha mãe)

Atravessarei o tempo, vencerei a distância
para que minhas mãos voltem a repousar nas tuas
e minha cabeça descanse no teu seio
onde minhas dores depositarei.
As palavras de tuas preces
terão um imã que me fará regressar a ti.
Verás então como os dias e as noites
se impregnaram nas minhas faces
e como meu espírito não se libertou da angústia
secular;

libertas pelas minhas palavras,
as palavras que pronunciei para outros ouvidos

sempre presente em teu espírito
pela mágica de meu pensamento.
E nas pupilas de meus olhos,
encontrarás paisagens e perspectivas multi-
formes;
e na poeira de meus sapatos,
os caminhos tortuosos que venceram os meus pés.
Tuas lágrimas serão a minha remissão,
a remissão dos meus erros e de meus desvios;
e teus lábios pronunciando palavras de júbilo,
e tua voz soando na minha voz,
e meu corpo, meu espírito e meus sentidos
se reintegrarão neste instante na tua memória
para a eternidade.

E seremos dois astras gêmeos
aproximando faces esquecidas
e percorrendo trajetórias infinitas.

CANÇÃO PARA O IRMÃO

Dorme, ó meu irmão, dorme
que minha insônia vela teu sono e teus sonhos;
nesta noite profunda e constelada,
entram raio de estrelas
pelas frestas de nossa janela
onde juntos avistamos o mar.
E eu vela teu sono e vejo teus sonhos,
porque um dia eu também dormi, eu também
sonhei.

Teu corpo adolescente
algumas vezes se agita,
e debruça-me sobre ti, e olho tua
face serena, tua boca que sorri, tuos
mãos quietas e longas repousadas
sobre teu peito forte.
Depois, silenciosa e angustiado
saio e caminho tendo por companheiro
este mar gemente e irrequieto.
Quando regresso, volto a alhar-te:
e tuas mãos crispadas repelem minha
sombra sobre teus sonhos calmos.
Dorme tranquilo, nunca teus olhos verão
os últimos estrelas da noite.

POEMA AO IRMÃO

Não tiveste no teu belíssimo rosto
a serenidade do meu rosto de poeta;
não tiveste no teu corpo de linhas intrincadas
a esbelteza e graça do meu corpo casto.
Tenha ainda no meu corpo
a serpente que estrangulou Verlaine
e no espírito a loucura do "vayou" Rimbaud.
Nem sabes quem foi Verlaine,
e sem dúvida nunca te contaram as aventuras de
Rimbaud.

Repousado na teu leito olhas o teto, simplesmente,
eu também olho mas vejo além, vejo estrelas;
se foges da moldura da janela e olhas o mar,
eu me curvo sobre ti
e vejo além do mar, muito além — suicida-me
(na linha do ocaso.

E quando vem a noite vês estrelas nos teus sonhos
e eu, sombras que espantam os meus sonhos,
mas quando despertas feliz
nem olhas minhas mãos espalhando
poesia nos quatro cantos do mundo.

POEMA A DAMA DE NEGRO

Vem cerrar meus olhos e enxugar meu pranto,
vem escutar meu canto, Dama de Negro,
antes que os rouxinóis façam ninhos em meus
cabelos.

levando meus sonhos para os confins do mundo.
Escuta, ó pálida Dama de Negro:
disseram-me, mas eu já sabia
que a beleza triste da minha face
vem da tua face amada.
Escuta, serena Dama de Negro:
bem sei que minhas mãos de poeta
e a poesia que acompanhará toda a minha vida,
vieram das tuas mãos de luar
agora mortas neste retrato em minha parede.
O' estranha Dama de Negro
neste instante, tuas mãos de luar
sobre minha fronte febril
seriam gotas de refrescante orvalho.
O' mulher concebida na escuridão da noite,
vem enxugar meu pranto,
vem escutar meu canto
porque estou só num mundo
onde nunca estamos sós,
onde nunca estamos sós,
nem mesmo perfeitamente mortos.

POEMA

Ante meus olhos cansados o mundo se desnudaou,

ante meus olhos cansados vi todas as feridas san-
grandes,

todas as dores gritando,
e o sangue brotou como uma fonte do meu peito
molhando minhas mãos.
Tenho o coração trespassado por finas punhais
lassasinas,

e sei que sou impotente diante deste céu —
imensa bandeira desbotada
onde somente meus olhos encontram poesia.
Sei que diante deste mar tão manso
e destes bosques, destas estrelas, de tudo, enfim,
continuarei aflito e insone.
Imaginal que meu desejo único
é vestir o mundo com roupagens que lhe não
cabem,

pensar bem que meu desejo único
é fazer amedecer o riso universal
daqueles que me olham
tendo na face uma fria indiferença.
Lembrai-vos de que a comédia está sendo expul-
sa a chibatadas

pela tragédia que cobrirá os polichinelos
com densos véus de luto e de morte.

POEMA PARA NEWTON SUCUPIRA

Piedade para os que vivem numa calma deses-
perança

e fogem dos amores mais fortes que a morte.
Piedade para os impuros
que ainda se contemplam em espelhos frios.
Piedade para os Deuses amorosos
que choram perdidamente em serenos vales.
Piedade para os fracos,
que não podem lutar contra os fantasmas das ten-
tações.

Para os fortes que a eles nada resistem, piedade.

INSÔNIA

Círculos lunares como gigantescos anéis de tor-
tura

imobilizam minhas mãos.
(A noite se espalha em meu sangue
e sinto o mistério pois os sonhos não repousam
em meu peito,

onde crianças esmagam flores e uvas.
Sou agora lançado aos cães
e só resta então de mim
o coração que não para,
sobe montes, desce vales e atravessa rios.
Há um desequilíbrio permanente
entre meu espírito e os incontáveis espíritos
que me seguem como sombras.
Só para gozarem meu suplicio
é que eles não me abandonam nunca.
A fadiga imensa me restitui a paz.
A Manhã sai de minhas mãos em vão alado.

POEMA

Este mundo eu preciso abandoná-lo,
pois este mundo é um grande circo
onde cada um procura mostrar-se
para as exhibições nas saíres de lotação completa.
Quero fugir e não me dão um barco,
quero deixar este picadeiro e não me dão um
cavalo.

Para esta fuga tenho como cúmplices
os mundos de Deus que eu glorifiquei em poesia.

Há distâncias tão longas a vencer
e já quero fugir ou mesmo ficar cego
para não olhar as gerações
que estão se construindo sobre os escombros des-
te mundo louco.

O POETA

Minha ridícula figura desenha no ar
linhas geométricas e nervosas.
Uma das mais curiosas é a que resulta
quando abra a boca e entram ruídos confusos.
Há ruídos confusos na minha alma,
há pontes escuras na planície branca do meu teto.
Nem são mariposas nem estrelas:
são pontos finais de capítulos encerrados.

Sou uma linha geométrica,
ridícula,
variável,

A ROSA E O POETA

nem alva seja,
nem rio de leite,
nem neve da mantinha,
mas uma simples rosa branca
suavemente desfolhada pela brisa.

POEMAS DE

POESIA

Cal a primeira petala, e segunda,
e em breve só resta uma corola
como uma coroa mortuária,
E as pétalas continuam caindo, leves,
talvez à força dos meus olhos
duas tristes paisagens
na sombra e ridícula moldura do meu rosto.

O POETA REPOUSARA DURANTE SETE SÉCULOS

Por Muriilo Mendes

Poeta,
deixa que eu conte aquela-nuvem que repousa na
floresta,
deixa que eu conte aquela garvaio que dorme na
ponta do mastro da velha
navia negra que repousa no encosto que ne-
nhum marinheiro conhece,
que somente eu passo ouvir a tempestade que
trouxe à tona os tesouros
que Vulcano escondeu pensando em Venus,
somente os meus olhos devem contemplar os ba-
lões que a história jamais
contará aos que virão depois,
eu saberei sentir a tristeza dos Idos de Março,
e desespero dos que dormiram sete dias e sete
noites no seio de Netuno,
a insipidez dos que beberam nas sete fontes da
Ivída,
depois de atravessarem as sete montanhas ge-
ladas,
eu serei o cão dos que gritam perdidos nas sete
florestas do Sudão,
e mensageiro que levará os sete pães e os sete
peixes para os que
trazem flocos de cumo da Everest,
e saberei resistir a todas as tentações e afeições.
Poeta,
eu serei o vingador das que não comeram os se-
lhos da grande festim,
Eu fulminarei a que entrou no templo e não des-
cobriu o cabeça,
eu terei a luz para a que não soube distinguir o
Justo da moeda.
E depois,
eu entoreci um hino a Jeová pela grandeza das
coisas executadas dentro
de sete dias,
agradecerei os vossos benefícios,
e hei reputar depois de todas as fadigas durante
sete séculos.

POEMA

Pobres destes olhos que nunca choram
e destes mãos inertes que não despertam para
nenhum consolo;
pobres destes pensamentos que viajam incertos
e não repousam nem mesmo quando nascem as
grandes noites;
sobre estes pés feridos que não suportam mais
o peso de todas as culpas da alma
errante que o mar subverterá no primeiro tem-
pestade.
Pobres destes olhos que nunca choram
que não enchem nenhuma dor,
que não olham nenhum entardecer
que estão miseravelmente cegos,
que não mais adormecem sob a serenidade e a
doçura desse céu azul misteriosamente azul.

POEMA

Ah os caminhos que meus pés destruíram incons-
cientes,
ah que erosão inexplicável a vento da noite ca-
vou na minha alma!
Sombrias, sombras, somente sombras espessas
velam o meu sono e alimentam os meus sonhos.
Ah a derradeira virgem que resta ainda em meu
pensamento
e que um dia lançarei num plano onde repousa
minha infância perdida no neblino;
ah a derradeira virgem que sairá de outro plano
de minha vida
para morrer em qualquer álbum sem retratos,
em qualquer calendário sem paisagens!
Da máquina de escrever, um dia,
sairá um poema que vos contará a história in-
cabida
porque as mãos vivem e são como andarinhos
no teclado de um piano onde cada som é uma
morte
e cada regresso uma ausência!

Abençoada seja esta noite profunda
e estes incomensuráveis silêncios
que me inundam da Poesia;
abençoada seja a luz que vem dos astros erran-
tes de Deus

através de mil caminhos iluminar minhas soli-
tões;
abençoadas sejam estas sombras indecisos
que se movem como espectros inquietos,
fecham docemente minhas pálpebras
e me lançam no mar misterioso e tranquilo das
sonhas.

Como carpideiras, terei estas estrelas
que somente eu tenho
Poesia para lavar.

Abençoada seja esta noite profunda
e estes silêncios que me trazem Poesia,
Abençoada seja esta luz que
vem dos astros errantes de Deus
através de mil caminhos iluminar minhas soli-
tões;
abençoadas sejam estas sombras indecisos
que se movem como espectros inquietos,
fecham minhas pálpebras lançando-me
no mar misterioso e tranquilo das sonhas.

POEMA

Duas noites estão nos seus olhos
Sua boca é amarga e
está morta porque as dores sempre crescem e vi-
lvejam num sereno ardente
no sua alma em desespero.
E por isso o ódio madro como uma flor
na montanha ou planície de sangue
do seu coração morto,
e por isso suas mãos inertes nada constroem
porque neste mundo tudo está se destruindo
e elas são estranhas e não lhe pertencem mais.
Onde estão as mãos azues,
as montanhas azues e os noites que nutriram
lhe entravam pelos sonhos?
Onde estão os raios ocultos
que morriam nas suas frentes serenas,
onde estão verdes vales e as adormecidas monta-
nhas
varridos pela vento viajante
que lhe cantava aos ouvidos numa doçura in-
finita?

Hoje seus olhos não estão cegos
para alharem os chagos da terra revolvida
pelas granadas ossasinas que brilham no escu-
ridão,
como estrelas cansadas que houvessem tombado
sobre a agonia do mundo;
hoje, sem passado, sem presente e sem futuro
seus pés caminham levando um corpo morto
para os caminhos sem encruzilhados.

TUA PERMANENCIA EM MIM

Cada som que fere meus sentidos,
seja uma sinfonia ou gritos de massacre
lembra os palavras que se exalaram de tua boca;
cada gemido dos rachados acotados pelo mar
é um ruído que lembra teu gemido de amor que
[eu nunca ouvi]

cada torre deste templo
emoldurado pela janela cinzenta do meu quarto
é uma silhueta da teu corpo virgem;
cada figura dos vitrais multicores
é uma reminiscência da teu espírito em minha
memória.

POEMA

[Para meu amigo Mauro Mata]

Permanecerás indefinidamente triste e só
a contemplar esta terra úmida e cinzenta
que um dia te reclamará.
Não grites
porque teu grito se confundirá com os clamores
do mar;
não chares, porque teu pranto se dissolverá com
outros prantos
e éle é uma partícula insignificante
junto às lágrimas amargos que já foram terra-
madas.
No ecran pálido de tua memória
procurarás encontrar um deus;
mas eu te afirmo que nada verás
porque ela está envolta no denso trevo secular
Foge para a solidão sem fim, para a vida sem fim,
para o ilimitado sossego das próximas noites
que ainda pesarão sobre teus curvados e frágeis
lombros.

POEMA

Minh'alma vem de longe, de muito longe,
trouxe perdida pelos encruzilhados do mundo.
Minh'alma vem de longe, de muito longe,
depois de ter se afogado no horizonte
e ressuscitada neste amanhecer que te ilumina
de luz;

precipitou a queda dos astros de Deus
sobre as águas profundas e serenos dos mares;
tinha no peito um desejo de fuga
para as paisagens tristes onde tudo é desolação.
Minh'alma ouviu as palavras essenciais
que dormiam no ventre das grandes montanhas;
escutou a música do vento
gemendo entre os abismos e destiladores do
terra.

Depois, vencida e cansada,
voltou para este corpo indiferente
que se obriga no refugio das grandes solidões.

POEMAS DE WILLY MOMPOL

PRIMAVERA

Eu já ouço o canto da corvina anunciando a che-
gada da primavera,
Eu já sinto o sol quente aquecer-me o corpo,
Esse sol que tosta a pele das mulheres loucas,
Das mulheres vindas de longe nos grandes tran-
sitos,
Em busca de outros céus, de novas sensações.

O sol não me deixa ver a munda verde das fol-
has dos arvoredo,
O mundo de reflexos da água do mar,
O mundo de alegria que transporece no rosto dos
Igrejados tristes,
Porque essa alegria é comunicativa e vem de tudo,
Entra pela janela do meu quarto, me desperta,
Torna tudo e todos insensivelmente felizes,
Inspira canções e poemas inéditos,
Essa alegria se desprende até dos retratos e vicia
do sala de visitas
Onde mulheres pálidas sobrocam ramalhete de
flores que não murcham,
Que ainda estão cheios da orvalho da madrugada.

O SONAMBULO WILLY MOMPOL

Um deus camuflado em azul benedito
raptou o sonâmbulo Willy, no momento justo em
que ele caminhava pela erótica órbita solar.
Willy tinha os pés e a alma abrasados, mas não,
mesmo confundido com o espaço, diviser a irmã
cobrindo a nudez com ramos de trevas, e seus
seios eram os olhos de Willy como duas minú-
sculas estrelas. Para ver melhor Willy curvou-se
tanto que desabou sobre uma estátua de homem
que se reclinava sobre o impudico Judith. Mas
tendo abandonado o círculo de luz da erótica ór-
bita solar, Willy apunhalou o irmão, para que ele
não aparecesse diante de seus olhos e de seus de-
sejos, como a guerreira que um dia decapará a
cabeça de louco e complexo Willy.

RETRATO DE WILLY MOMPOL O POETA LOUCO

Os olhos de Willy Mompou são pretos
como escuros poços, e sua fronte é um destila-
deiro onde escorrem os pensamentos do poeta, de
mistura com a suor agônico que muitas vezes se
confunde com lágrimas. Os cabelos de Willy eram
negros como as azas de um corvo, mas quando
Willy regressou da última viagem, eles se tor-
naram lauros como espigas de milho dourados
pelo sol. Assim se vires os cabelos de Mompou,
penseis que o louco tem um agitado mar re-
volvendo seus pensamentos. O corpo de Willy é
semelhante ao de um cão, de um junco agitado
pelo brisa. Isto equivale a dizer que Mompou é
o primeiro bailarino que não possui um poleo.
E preciso que saibais, que o corpo do Poeta tem
o forma de um atauda. Os braços longos se en-
tastam, como se ele fosse um simio; suas mãos
são aduncas garros, espadas e elas acuram a
própria Willy; os pés do misero sempre a levam
por caminhos ásperos, para destinos que ele pró-
prio trouxou. Seu coração pulso suavemente, a
semelhança de uma leve pancada em tenue oris-
tal. A alma de Willy deve ser lembrada neste li-
geiro retrato porque ele acredita que ele está li-
gado ao seu complexo corpo. Portanto o alma
de Willy às vezes é alva como um lírio da mon-
tanha, outras vezes é como uma nuvem ligeira,

DEOLINDO TAVARES

mas sempre negra como as primeiras noites do mundo.

IV UMA "DANSEUSE" TENTA WILLY MOMPOU

A longa mão de Willy Mompou, seus dedos exquisitos apertando fortemente o lápis, não puderam afastar os pés de uma intempestiva "danseuse" que se desenhou numa surpresa inédita no macio papel que iria receber mais um incompreendido poema.

Mos Willy sentiu-se cego porque a luz apagou-se e a cigarra era uma grotesca estréla boiando na sala de jantar deserto. A "danseuse" incômoda não interrompeu e Willy pensou que pouco faltava para ela ser expulsa do branco tablado onde aos poucos surge um poema. Impávida, continuou e já o lápis do poeta era uma espada sobre sua loura cabeça; e seus agulhados pés pareciam fixos no papel, e suas niveas mãos depois de puxarem a barba

do místico Willy tentaram destruir as primeiras frases poéticas. E a cutela na mão do poeta já decepou suas coxas; já abarcou seu incerto sexo, que, como um palvo

teria a deter a mão de Willy, mas ela não se detera e este poema não prosseguirá em nenhuma outra página.

V O DESPERTAR DE MOMPOU

O adolescente dormia sereno sobre um rolo de sol, quando o pai levantou a tampa do seu sarcófago e esbofetou-o violentamente.

O belíssimo poeta revolveu-se e continuou o sonho interrompido, mas sentindo-se ferido acreditou que a noite e o sono estavam finidos, e era chegada a hora da flagelação. Depois do suplício infernal foi ao jardim em cinzas e comeu astras vivas e lilazes amargas. Para esquecer as dores contou, um por um, os ramos dos pinheiros que a escadaria da mar e estão plantados próximas à janela do tugúrio onde mora o autor de mil poemas eróticos. Dormindo, os borboletas disputaram seu cadáver, mas ele despertou e covendo a areia encontrou as coxas de um deus, e ambos fugiram em busca do pânico dos sonhos.

VI APRESENTAÇÃO DE WILLY MOMPOU

Em nenhum ângulo, em nenhuma sequência, em nenhum quadrante

descobrirei o louco e angustiado Willy; sua sombra é a sombra de tudo e tudo é a erótica e sensual adolescente. Se algum dia fôra a montanha e te curvares por a vale Willy estará no vale e na montanha; ele é a nunca e sempre visto é o sempre ausente e presente na manhã; ele é a chuva que ameniza a color e faz reverdescer os campos e florestas; ele é beija-flor, triste corvo, insone morcego, corala e haste, raiz e podridão, humus da terra; ele pode estar no seu próprio sonho, no teu sonho, na sua própria insanidade ou na tua [insania];

Willy Mompou, afinal, é sobretudo uma estréla que ainda não se apresentou ao mundo; lágrima ou gota de orvalho, escuridão e luz, alma e corpo, é o complexo e desconhecido Willy; é a fonte que murmura, o rio que desliza e tudo arrasta; música, febre, e sobretudo um pobre homem só e triste que sonha uma grande fuga construindo ozas com as nuvens "danseuses" da escura tablado de sua casa, de seu túmulo.

VII POEMA DE WILLY MOMPOU

Willy pensa que tudo é um convite ao sono e num salto mortal onde se multiplica em mil [imagens] vai repousar na rede elétrica, entre nuvens, entre [céus].

E o louco menso adormece sobre os homens, sobre as cabeças, sobre os pensamentos de cada um e não é visto sendo neste período lírico e heróico de sua complicada vida. Afinal, dormir sempre foi o maior sonho de Willy, dormir até que cessem todas as convulsões todas as inquietações que perturbam a doce paz do mundo.

Willy tem neste instante a coragem repousada sobre um fio condutor de [desgraças].

VIII O CATIVEIRO DE WILLY

Entre nuvens, entre céus e entre aves adormeceu o pobre Willy Mompou, sobre homens, sobre mares, sobre heróis. O convite ao sono podia ser um convite à viagem se Willy não se achasse enredado nas barbas do patriarca que o gerou no ventre de uma andorinha cega; afinal, dormir é o maior sonho do poeta, para que seu coração não mais repouse sobre nenhum fio condutor de desgraças. Entre nuvens, entre céus e entre aves, procura a bela Mompou, e se a encontrardes lançai-o sobre as barbas do [patriarca]

porque ali está o ninho onde ele habita e onde nunca é visitado por nenhum turista deste céu, bandeira desbotada onde não há mais [poesia].

IX ALGUMAS HORAS DA VIDA DE MOMPOU

Willy olhava embevecido ao anoitecer. Dos lábios finos e sensuais, pendia o cigarro como uma lageta de uma flor exangue. Inteiramente nu rumou para o mar, onde já esperava impacientemente uma baleia de olhos verdes que dançou com o poeta louco uma "polka" fantástica. Depois, como recusasse amá-lo, veio em defesa do bailarino um cavalo marinho. Com um simples coice, Willy foi atirado ao mar.

Surgiu de repente um adolescente guerreiro que o salvou da morte, narrando-lhe a vida dos homens que passeiam em ovenidos líquidos e são impercíveis.

Então, Willy não resistiu e foi possuído integralmente pelo adolescente, pois, ele era a própria Poesia. Depois, imensamente só, Willy escondia-se na biblioteca do eunuco amigo que cavalgava damas e rainhas no picadeiro exigua do xadrez amarelo. Exausto, Willy adormeceu de cansaço e foi comido vivo por uma minúscula aranha que provavelmente o vomitará depois no leito incômodo, onde ele dorme e ininterruptamente sonha.

X WILLY ESPIA O BANHO DE JUDITH

O lascivo Mompou olhou a irmã que se banhava, e era um poema entre sargos e algas marinhas brilhantes como estrélas. Ardentes raios de sol aculteram a virgem do poeta para que ela não fosse raptada pelos fagosos centauros marinhas.

Mos um adolescente nu e hercúleo, que havia sido gerado sob o mesmo signo da irmã de Willy, violou-a, ante a desgraçada irmã. Willy chorou e suas lágrimas se transformaram em conchas e ouriços de pontas aguçadas. E quando o guerreiro pôde se libertar, correu para Willy e este encontrou-a mais casta e serena. E os ouriços e conchas de formas ambíguas se transformaram em flores para grande alegria do anjo triste e erótico que é Willy Mompou.

Então a complexa Judith ao aspirá-lo enlanguesceu e hoje está para sempre irremediavelmente morta.

XI VEM A POESIA E TENTA WILLY MOMPOU

Willy Mompou olhava os insetos aerodinosos que furavam o teto, e feriam sua face belo e tranqüila naquela hora. O homem havia se escondido na única ângulo da sala de visitas que pode ser visto sem ângulo de alcance. Como um besouro verde quisesse penetrar na intimidade de sua boca, Willy esmagou-a porque pressentiu que na sua coragem estava íntima a virgindade da irmã. Semi-adormecido não viu a Poesia que penetrou na sala e possuuiu-a violentamente. Então repousou a cabeça sobre o volume de Rimbaud, e sentiu a pavilhão auricular mordido pelo grande turista. Os ratos feriram os cordes

do piano e despertaram mais uma vez o pobre Willy que expulsou-os, pois havia surgido dentro deles um regente.

Como a janela estivesse fechada e ainda restasse na sala os últimos acordes que emudeceram Willy, esta foi aberta para que o ar marinho embalsasse o sono da irmã de Willy, que havia adormecido bêbada e cômica na primeira prateleira da estante.

Mos Willy não pôde mais fechá-la aos intrusos, porque havia penetrado na sala uma série em busca do irmão do grande trágico.

Então aconteceu que Willy Mompou olhou e cinzeiro e lembrou-se que sob aqueles escombros fumegantes, havia ainda lâstimas em perfeito estado de conservação. E viu o poeta que muito de leve a Poesia flutuava no aposento em calma, e que seu corpo se retorcia porque a Poesia o possuía integralmente naquele instante inescusável.

XII WILLY É COMIDO PELA URSA MENOR

Tudo sobre a mesa do louco Willy era uma natureza morta em confusão, e o poeta contemplando a miséria quadra resolveu suicidar-se no sonho do irmão adolescente que alhava com um único olho aberto. Mas vendo que não havia caminhos na sonho da irmã, Willy voou através da janela de seu quarto e foi ao encontro do abandonado mar. Entim, resolveu dormir sobre as espumas que lhe despertaram o sexo marinho. Foi então que desabou da noite serena o Urso menor, e confundiu o ridículo Mompou com as estrélas mais tristes do sistema, depois do tê-lo vomitado. Então Willy resolveu vender a sua astidude ao primeiro pássaro, em troca dessa libertação. Mas a demoníaca pássaro começou a entrar nos entranhas, sem precisar acorrentá-lo em nenhum rochedo. Willy sentindo-se depois mais vazio e inútil do que dantes, regressou desgraçado e insone ao cubo amarelo do quarto de dormir onde o adormecido irmão o espiava com um único olho, querendo mesmo no sono desvendar os mistérios do alucinado e cômico Willy Mompou.

XIII POEMA

Willy Mompou é senhor único de um peixe, de mar, de uma noite. O mais sensual de todos os poetas tem a boca em forma de flor e as beija-flores em torno dela volteiam tentando sugar a saliva de Willy que é o mais delicioso de todos os netares; tudo gira em torno de Willy e os planetas maiores deste misterioso céu correm velozes em torno das três ârbitas de Willy. O senhor único de um peixe, de um mar e de uma noite

nada deseja deste mundo. Só que o sono como um suave beija-flor arrebate da vida confusa que vive o pobre Willy Mompou.

XIV A MORTE DE WILLY MOMPOU

Chegada a hora de morrer Willy Mompou beijou o retrato da irmã mas lançou-o longe porque sua castidade feriu [lhe os sensuais lábios].

E como a hora não estivesse tão próxima, levantou-se e incendiou o jardim. Nas noites de verão, ele é amante de uma onda que habita próxima à casa do poeta. E as abelhas e insetos que voaram astuciosos entraram nos seus ouvidos e executaram grandes concertos em mi e fa sus [tenido].

Então, poucos minutos faltavam, e, despedindo-se de seus amigos todos se macularam espontaneamente. Willy Mompou riu e esmagou num minuto o despertador da cabeceira do leito mortuário e adormeceu sem morrer sonhando com os pirâmides que velaram sensualíssimas santos um dos quais voltou a este minúsculo planeta na figura da tia mais velha que se fez prisioneira de vários bemaventurados que enfeitam as paredes do seu limitado quarto.

DEOLINDO TAVARES,

— I —

DEOLINDO

Só duas vezes me encontrei com Deolinda Tavares: uma no Rio, outra no Recife. Guarda dos dois encontros

pressão — expressão da personalidade — é que fez do adolescente desajeitado o poeta autêntico, em forma de quem vão crescendo as adições e até os entusiasmos dos rapazes de vinte e dos de menos de vinte.

superiores e colégios; vemos que, poucos anos depois da morte de Deolindo, o ambiente da Faculdade onde ele foi insultado, apresenta-se tão outro que, por iniciativa de alguns dos antigos colegas do poeta e da maioria dos estudantes mais novos, seus versos são agora publicados, sua figura é reabilitada, seu nome é situado entre os dos mais altos talentos e os das mais puras sensibilidades que têm passado pela Escola do Largo do Hospício.

Sinal de que vamos nos libertando do "complexo de Esparta" em que quiseram envolver nossa mocidade, não tanto os interessados em salvá-la da vida mole e do amor exagerado ao conforto (em que vivem de fato nas capitais — principalmente no Rio — os filhos de fazendeiros e burgueses), mas os políticos e pedagogos desejosos de dominá-la pela intimidação, pela corrupção, pela estandardização das idéias e dos gestos dos moços estudantes em idéias e gestos de capangas; capangas não tanto de Deus, como escrevem uma vez com ingênuo otimismo, o sr. Luiz Jardim, nem mesmo de Nossa Senhora de Fátima, mas dos simples deuses políticos do momento e das exigentes deusas ideológicas da contra-revolução fascista.

Volta felizmente a haver lugar na admiração dos brasileiros jovens pelos indivíduos que podem ser incapazes de fabricar a mais simples coisa, dirigir o mais fácil automóvel ou brilhar no mais insignificante jogo de "football", mas trazem dentro de si revelações não só de si próprios, mas de sua geração inteira; angústias menos individuais que humanas ou nacionais; antecipações que a todos nos interessa recolher de suas palavras diferentes das banais, de seus gestos diversos do comum, de suas dores que são às vezes as de todo jovem, aumentadas ou exageradas no indivíduo de maior poder poético.

É certo que Sir John Forster Fraser — ou foi outro inglês? — observando há mais de trinta anos o Brasil, em rápida passagem pela América do Sul, achou que havia aqui excesso de poetas. Mas de falsos poetas — deveria ter especificado o inglês. De poetas verdadeiros nunca há excesso em lugar nenhum, não só por natureza raras. E um dos segredos da sabedoria britânica é saber tolerar os quantos mais terrivelmente excêntricos e incomuns (o caso de Blake, de Shelley, de Byron, dos dois Coleridge, de Goethe, de J. L. Lawrence, de Joyce) e fazer deles quase im demses quando, moral ou politicamente, saudáveis: o caso de Milton, dos Browning, de Rupert Brooke, de Tennyson.

Entretanto, toda a gente está farta de saber que o povo britânico é "essencialmente prático"; que o povo britânico

tem algumas das melhores virtudes espartanas sem sofrer dos piores vícios que estão à base do "complexo de Esparta"; que o povo britânico não precisa de receber lições de povo nenhum em questões de organização nacional — a não ser dos russos soviéticos, quanto à democratização da economia e dos brasileiros, não de hoje, mas de sempre, em assuntos de democracia étnica, ou antes, social. Um dia o maritismo inglês, por exemplo, talvez se torne como o maritismo transnacional do poema de Deolindo:

"... seu corpo é uma grande [ela] onde encontrarei Pírcaso e [Chirico em tatuagens] ele já se banhou em mares [azuis, verdes, amarelos, ne-] [gros] e não é só irmão do primeiro [homem] mas todos os homens são seus [irmãos]."

(O Jornal, 3/8/44).

AINDA DEOLINDO

Deolindo Tavares não parece ter tido ilusões sobre seu único destino — o de poeta — que os "homens práticos" levariam ao ridículo num Brasil ainda longe de ser, nas relações dos burgueses com os poetas, alguma Inglaterra:



Deolindo Tavares

"Nasci para senear Poesia Sobre a raça dos homens [tristes]"

Entretanto, foi estudar Direito. Para ele uma tortura. Para os demais estudantes de Direito deveria ter sido uma festa: um poeta autêntico entre eles. Mas já vimos que para alguns não foi festa senão de sábado de Alcañia. Insultaram e variaram o maior poeta adolescente de sua geração como se ele fosse o Judas da Escola. O Senhor que os perdoe: eles não sabem o que fizeram. O Senhor já deve ter perdoado como Deolindo os perdoados: eles agiram por sugestão de mestres esmerilhados que encodem que as Faculdades são hoje "templos" disto, "templos" daquilo, mas na verdade lugares exclusivos de estudos profissionais e objetivos e de atividades anti-poéticas.

Outra vez me sinto obrigado a falar da Inglaterra, cujas grandes universidades tradicionais em casos semelhantes ao de Deolindo na Faculdade de Direito do Recife abrem exceções às suas regras mais severas. Em casos como os de Deolindo, os Amazons de lá, que ostentam nomes menos pomposos que o do Largo do Hospício e não têm sequer a audácia de tomar o nome do Tâmis em vão, humildemente se encolhem dentro de suas becas e dos seus capelos e admitem exceções às regras mais sagradas. Foi o que sucedeu com Hartley Coleridge, por se tornar lírico e academicamente de Oxford. Quando vieram os exames finais, sua situação era precária. Entretanto, os examinadores, de ordinário rigorosíssimos, tomando em consideração o fato de se tratar não de um estudante — qualquer, mas de um jovem poeta de sensibilidade e de talento já revelados, herdeiro do vício de beber do pai, o primogênito Coleridge, mas herdeiro também do seu talento poético, não hesitaram em fazer do segundo e admirável Coleridge, hacharel com todas as honras.

Final, são os Coleridges que fazem a glória das Oxfords e não os examinadores siândos, por mais necessários que sejam — e o são, com certeza — às instituições de em-



Deolindo Tavares, em um dos seus últimos retratos

a recordação de um adolescente inquieto, mas desajeitado, desde que parecem ter vinte anos, mas todas esquecidas, vinte braços, mas todos de outras pessoas, nenhum dele próprio.

Lembrou-se dos seus olhos: uns olhos ainda de menino, espantados de se encontrarem num corpo já de homem. Lembrou-se da voz: a voz de alguém com medo, não da morte, mas da fazer barulho.

Essa mesma voz, os olhos de menino triste, o todo desbaratado do adolescente desajeitado — negação completa do homem lábei — sinto-os perto de mim, no ler os cadernos em que Deolindo escreveu versos com a mesma intensidade de Manuel Bandeira e só a mesma necessidade que faz Bandeira escrever os seus: "como quem chora", "como quem mata".

"Eu faço versos como quem chora"
"Eu faço versos como quem morre"

Há na poesia de Deolindo uma autenticidade que torna impossível separarmos seus versos de sua pessoa: nele é o carne que se fez verbo sem deixar de ser carne. A arte de composição é tão pouca que quase não existe em poemas tão intrinsecamente pessoais e vivos. A necessidade de ex-

Dizem-me Edson Nery da Fonseca, Odilon Ribeiro Coutinho e outros colegas de turma de Deolindo que na Faculdade de Direito do Recife o elemento dominante nos dias do poeta, aluno da velha escola, valeria mais de uma vez nos corredores da casa. Que tomasse jeito de homem ao modo deles — heranças-lhe talvez nos ouvidos na verdade quase de moço, de tão sensível. Que deixasse de lirismo lamuriento: isso de lirismo era para mulher. Que emparasse a vida com "realismo". Que se tornasse, como eles, um "espartano". E é possível que tenham lhe oferecido algum cargo de secreta-ria investigador de polícia, para que desde o primeiro ano do curso o tímido magriço se tornasse ostensivamente "espartano" e perfeitamente "realista" e se libertasse de todos os lirismos, romancescos, idealismos, atividades de mulher e não de homem.

O poeta autêntico resiste à pressão no sentido estandardizador: conservando-se diferente do grupo dominante na velha Escola naqueles dias tristes e incertos. E é na verdade um consolo para os que nos preocupamos com o Brasil e com a cultura brasileira e nos inquietamos com os dias críticos que vem atravessando a mocidade das novas escolas



Deolindo Tavares, nos 15 anos

ESTUDANTE DE DIREITO - GILBERTO FREYRE

Castro Alves talvez não tenha sido superior a Hartley Coleridge em apego aos livros acadêmicos. Mas não há dúvida de que a convivência do poeta baiano com o meio e a cultura jurídica do Recife foi proveitosa ao seu desenvolvimento consciente e lógico em abolicionista. Por outro lado, a presença de Castro Alves na Escola de Direito do Recife enriqueceu de modo extraordinário: o poeta adolescente ligou para sempre a Escola de juristas às inquietações sociais do país e à história da literatura brasileira.

No caso de Deolindo Tavares, não é um poeta-orador à maneira exuberante e ruidosa de Castro Alves que vem ao nosso encontro: há nele um poeta quase sem voz. Um poeta com o pudor do barulho e com a mística da voz baixa e até do silêncio. Para ouvi-lo, nós é que precisamos de ir ao encontro dele. Nem por isto, Deolindo deixa de ser uma personalidade em que se exprimam muitas das inquietações dos adolescentes do seu tempo; e não apenas uma individualidade fechada no seu individualismo.

Tivesse ele demorado mais que um simples primeiro ano na Faculdade de Direito do Recife e a velha Escola seria se enriquecida ao contacto de uma personalidade capaz de transbordar-se poeticamente nos próprios professores: nos mais prosaicos dentre eles. Sem a vitalidade magnífica de Castro Alves, Deolindo foi talvez superior ao baiano em certa maneira, muito sua, de ser interno e até concentrado sem ser estéril na sensibilidade; em certa maneira, também muito sua, de ser a um tempo pessoal e social. Os "espartanos" que gracejaram ao seu "farsino" teriam acrescentado novas zonas de fraternidade ao seu sentido estreito de vida se tivessem conhecido melhor Deolindo. O Deolindo que espantado por uns, desenhado por outros, tornou-se às vezes docilmente consciente de ser demais entre os humanos. Não só demais: ridículo. Ridículo — imaginou — com suas vinte mãos esquerdas e seus vinte braços inquietos no meio de tantas mãos quietas. Ridículo — imaginou-se ele próprio.

"minha figura ridícula de linha geométrica desenhada e nervosa"

Mas não perdesse nunca a esperança de um mundo melhor em que "as lágrimas se transformem em sementes"; o destino dos seus próprios versos. Num poema dedicado à Sra. Adalgisa Nery é o que ele pede:

"Silêncio para que o mundo [renasca]"

"... Silêncio para que as lágrimas se cristalizem e se transformem em sementes."

E o que me parece — di-



Última fotografia do poeta pernambucano

go sem querer findar este prefácio rápido, com palavras de efeito, no caso, sentimental — os poemas extraordiná-

Morreu Deolindo Tavares BRENO ACIOLI

O navio da morte navegou Deolindo Tavares para o porto dos poetas em solidão, navegando águas de tempestade e de angústia.

Pareceu existir dentro da alma deste poeta morto, uma constante presença de inquietude, um desânimo de coisas e de fatos que o tornaram mais sensível e frágil para uma vida de poesia. E Deolindo Tavares começou a morrer com os incidentes cotidianos, começou a sentir tripulante do barco da morte, foi morrer longe de sua poesia e de suas estrelas, distante de si mesmo, porque o poeta não se pertence, pois sempre está junto de sua musa, escutando a música das lagoas e dos rios, as sinfonias estranhas, as berceuses acalentadoras, os boleros misteriosos.

de sua geração — na vida dos mais novos do que ele, dos que foram nascendo, dos que foram desaparecendo, dos que foram crescendo — numa sentida mais vigorosa que o atual de fraternidade nas relações interpessoais e de reciprocidade nas relações sociais. Reciprocidade tolerante e até amiga das diferenças e das singularidades da personalidade; principalmente personalidade criadora.

Varhel Lindsay, vindo pela primeira vez a Califórnia, achou que nas suas terras as flores rebentavam do chão como bombas. Que se acalmassem os conservadores. Das sementes semeadas pelos poemas de Deolindo Tavares na sensibilidade dos brasileiros de vinte e de menos de vinte anos não vão rebentar decerto bombas. Mas ninguém confundir esses poemas com bombas. Sua força interior é extraordinária. Sua serenidade é a de uma mensagem quase religiosa.

Ninguém será capaz de esmagá-los com o pé nem de abafá-los com panos pictos. Nem de destruí-los com fogo. Eles não morrerão como os "narcisos azuis" e as "rosas pretas às hastas vertendo sangue" ... "dos cantos de minha amiga Mary Duncan", sob "as bombas incendiárias" dos nazistas. Eles sobreviverão às bombas dos nazistas.

Eles resistirão aos dias brutais que vamos acabando de atravessar, não só na Europa



Deolindo Tavares, em criança

como em trechos mais íntimos do próprio Brasil.

NOTICIA SOBRE DEOLINDO TAVARES

(Continuação da pág. 81)

xe-nos o espólio literário do poeta. E, desde logo, lendo aqueles poemas, alguns dos quais encerram uma condenação tão profunda de poesia, a nossa ideia foi dispor os quase cento e sessenta trabalhos em vários pequenos livros, nos quais ficassem as produções de Deolindo Tavares separadas por ordem geral de assuntos. Iriamos seguir esse plano, e assim publicaríamos a obra de Deolindo Tavares na íntegra, apresentando, em sucessivos números, cada um dos seus pequenos livros organizados conforme nosso critério. Sobrevieram, porém, motivos graves que nos induziram a mudar de orientação. E assim é que publicamos hoje, abrangendo mais da metade dos poemas de Deolindo Tavares, este suplemento, que a ele é dedicado. Fizemos-o enriquecer — se de numerosa documen-

tação iconográfica, pela qual somos gratos à mesma pessoa que nos cedeu os originais do poeta.

Vai o suplemento de hoje completado por uma série de estudos sobre o poeta pernambucano. Os dois artigos de Gilberto Freyre sairão no "O Jornal" desta capital em datas de 3 e 5 de agosto do ano passado. Os dois jovens amigos de Deolindo Tavares, que aqui também são incluídos — Otávio de Freitas Junior, Gilberto Lopes de Moraes, João Cabral de Melo Neto, Breno Acioli — apareceram todos no "Boletim da C.E.P." (Casa do Estudante de Pernambuco) no número de agosto de 1942.

Cremos ser pensamento dos amigos de Deolindo Tavares fazer-se a edição dos trabalhos (Conclui-se na pág. 81)

(Boletim da C.E.P. — Agosto, 1942 — Recife)

DEOLINDO TAVARES

Otávio de Freitas Junior

DEOLINDO TAVARES E SUA POESIA

João Cabral de Melo Neto

C'est la mort qui console, he-
las! et qui fait vivre;
C'est le but de la vie, et
c'est le seul espoir

Baudelaire

Morreu um poeta. Para alguns isto é uma frase, para outros um desastre, mas para nós que conhecemos e amamos o Poeta em vida, é um Mistério. A Morte do Poeta é sempre um mistério. Inutilmente nos darão os detalhes, as notícias do Rio virão aos poucos, informando as causas, o que ele disse, onde morreu, seus últimos gestos, a hora certa, o diagnóstico indiscutível, e até mesmo as probabilidades que ainda teve de salvar o seu corpo. Mas a Morte de Deolindo Tavares para nós será eternamente um destes mistérios embebidos de Poesia, que nada desvendará.

Devemos poupar ao Morto o lugar comum do elogio fúnebre. O elogio fúnebre cabe ao político, ao industrial, ao orador. Nunca ao Poeta. A Morte é uma resolução, como diria Lord Spenser, na vida dos Poetas. Lendo Ivo, há um ano mais ou menos, definiu o Poeta, um poema belíssimo que a muita gente passou despercebido:

"Os poetas são os pianos do mundo. Só eles permanecerão inalteráveis diante das mudanças de Deus".

Os Poetas permanecem inalteráveis diante das mudanças, de Deus e da Morte. Nada os abalará. Deolindo Tavares era Poeta.

Seus últimos versos anunciavam o fim:

Sinto que navios majestosos
[navegavam dentro do meu peito
ouço cânticos mais doces
[que o vento da tarde soprando sobre os túmulos e
[os ciprestes,
soprando sobre a face dos
[que foram acariciados
[pela brisa da morte".

De todos se despediu, a todos abraçou, disse adeus. Embarcou num navio comum, mas a Poesia o transformaria num navio majestoso. Parou na Bahia, parou no Rio. Os que viajavam no navio comum, ficaram no Rio, ou foram para Santos. Deolindo Tavares ia num navio majestoso. Apenas demorou-se poucas horas no Rio. Seguiu adiante, muito adiante, para sempre adiante. Morreu, foi para o túmulo e para os ciprestes do cemitério de São João Batista. Em Recife

De propósito, quis que o título desta nota, que representa minha participação na homenagem que se está prestando aqui a um jovem poeta morto, contivesse sua principal intenção. O problema das relações de um poeta com sua obra tem, a meu ver, uma importância a que evito chamar transcendental, por um medo que me é próprio de certas palavras; mas a essas relações é-me grato sempre limitar, em minhas ocasionais notas sobre poetas, o que é possível a qualquer crítico alcançar de realmente substancial no aspecto literário de qualquer realização de fundo poético.

Não sei se a preocupação de escrever poesia era muito assídua em Deolindo Tavares. A esse respeito confesso mesmo minha dúvida. Sobre o que ela não existe é o fato de poucos dentro os jovens poetas atuais terem conseguido, tão plenamente quanto ele, transportar para a realidade de sua arte isso a que, por não me ocorrer melhor palavra, chamarei sua presença cotidiana. Isto é: as preocupações, os sonhos, as alegrias (no caso de Deolindo Tavares, com

(Continua na pág. 16)

fe ele não teria ciprestes em torno de seu túmulo. E o Poeta amava muito os ciprestes.

A Morte o colheu? Não, ele a procurou, ele a encontrou. Não com a inconsciência dos suicidas. Estes, apesar de tudo, são sempre colhidos pela morte. Mas com a Iluminação dos Poetas e dos Humildes. Porque finalmente Deolindo Tavares viria a paz.

"C'est le but de la vie, et c'est le seul espoir"

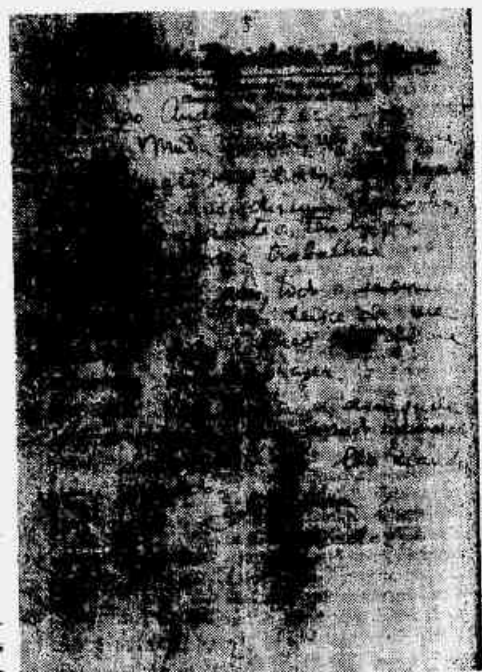
O Rio fora toda a sua esperança de alguns anos atrás. O poeta sofria, doía-lhe a alma numa constante tragédia interior. Experimentara então a fuga para o Rio. Mas veio a decepção e a amargura dos desluzidos e invadiu. Em certos momentos seus poemas desta época deixam transparecer um desespero tão intenso como poucos pode se encontrar. Pego ao acaso o "Poema ante o espelho":

"Não há luz nas minhas [faces,
não há calma em meus [gestos,
não há força em meus mo- [vimentos,
não há beleza nem seren- [dade

(Conclui na pág. 17)



Deolindo Tavares em um desenho de Eudó



Um autógrafo de Deolindo Tavares — "Fac-símile" do trecho de uma carta a sua prima Lourdes Tavares

NOTICIA SOBRE DEOLINDO TAVARES

(Conclui da pág. 13)

rá como a apresentação completa do poeta. E, do admirável moço da- pelo menos, o que pude- mos concluir da frase lido, que, em sua tri- em que Gilberto Freyre midex, em seu retrat- mento, em sua davi- da de si mesmo, da sua Vemha, portanto, em poesia, de todas as coi- livro, e venha o mais ce- sas que o cercavam, foi, do possível, a edição dos sem favor, no rápido mo- trabalhos poéticos de mento em que viveu, um Deolindo Tavares. En- dos poetas mais altos de sua terra pernambu- quanto não aparece essa obra, entretanto, o nos- cana, e de sua terra bra- so número de hoje fica- sileira.

ALGUMAS FONTES SOBRE DEOLINDO TAVARES

- Breno Acioli — Morreu Deolindo Tavares. In Boletim da C.E.P. (Casa do Estudante de Pernambuco) — Agosto — 1942.
- Gilberto Freyre — Deolindo — O Jornal — 3-8-944.
- Gilberto Freyre — Ainda Deolindo — O Jornal — 5-8-944.
- Gilberto Lopes de Moraes. — O poeta Deolindo Tavares. — In Boletim da C.E.P. (Casa do Estudante de Pernambuco) — Agosto — 1942.
- João Cabral de Melo Neto — Deolindo Tavares e sua poesia —

- In Boletim da C.E.P. (Casa do Estudante de Pernambuco) — Agosto — 1942.
- José Cesar Borba — In O Jornal — Maio — 1942.
- Manoel Anselmo — 30º dia do falecimento de Deolindo Tavares. — A ideia da publicação do livro do jovem poeta pernambucano — Diário de Pernambuco — 6-9-942.
- Otávio de Freitas Junior — Deolindo Tavares — In Boletim da C.E.P. — (Casa do Estudante de Pernambuco) — Agosto — 1942.

Bons tempos esses de Sotero dos Reis

Herbert
Parentes Fortes

Se procuro na dispersão atordante e nas oscilações vertiginosas das letras pátrias alguém capaz de me transportar, de leve, à emanação de uma entrada suave nos umbrais olímpicos do mais puro classicismo, à eresia, quase perdida agora, em idade de ouro, — privilégio de gerações mortas, — e à serenidade de uma plenitude interior a que basta, para sentido da vida exterior, o diletantismo de uma estesia sem interesses com o tempo e o espaço em que vivemos, — um nome sobrenadará da escuridão secreta de minha evocação: — Sotero dos Reis.

Ninguém, que eu saiba, conquistou, entre nós, mais profundamente, nem possuía de modo tão seguro como ele, a serenidade alta do espírito clássico, a universalidade imparelha do mais puro helenismo, a aliça mais harmoniosa entre a simplicidade e a retidão do estilo.

Mau grado as linhas decisivas do seu perfil, que não lo apresentavam enquadrado nas linhas características do "nortista", — cabeçudo, de queixo fino, testa arredada, faces côncavas, — Sotero dos Reis é um homem à parte da nossa misticagem, — iniquita, originada de susceptibilidades, ingenuamente heroica, fácil de seduzir aos primeiros acenos, embora irreduzível nos seus pontuados de valor. A amável disciplina que lhe resuma de dentro da ossatura comum de setecenta e seis anos de não sei que mortificação interior que, se é temperamento, também lhe serve para expressar uma vontade inabalável de auto-limínio.

Deixando-nos enovelar, desprevidamente, pelas sugestões das suas mimosas "Postilas de Gramática Geral" a que restringiremos nossos comentários, — quase acreditamos viver nos subúrbios da Atenas exuberante de Péricles, podendo ouvir, a um só tempo, todos os vãos de Plutarco... E não terminamos a leitura delas sem alguma curiosidade pelo ambiente em que Sotero pôde formar-se e viver, imperturbavelmente...

Com isso já se poderá adivinhar o que havia de representar Sotero dos Reis para Rui Barbosa e sua zona de influência.

De feito: no curso de uma argumentação de sua "Réplica", observa este: "Se o de que se trata, é de observar com acerto os fatos da linguagem, se este é o lema das idéias do nosso tempo na matéria, nenhum investigador, entre nós, mais familiarizado com o uso clássico, nenhum observador mais perspicaz e miúdo, nenhum analista mais inteligente e encorpado das coisas do nosso idioma conheço eu, que Sotero dos Reis..." (249).

i. Atinal: Sotero dos Reis é

o homem eminente Reitor, no sentido dos exaetras de Homero e Vergílio.

De nossa parte, confessamos-nos desconcertados diante desse homem, não tanto pelo que construiu, como pela sua atitude, ao mesmo tempo de uma grande simpatia e impossível de irritar-se por imitação. Se é certo que podemos admirar não apenas desejando ser o que admiramos, mas, algumas vezes, retraindo-nos em face da coisa admirada, podemos dizer que Sotero dos Reis provoca em nosso espírito este último comportamento, — de reação total. Admirá-lo — fugindo, instintivamente, de imitá-lo, e quase fugimos para o "outro" lado por efeito de nossa admiração...

Há no estilo de Sotero qualquer coisa de marmoreo, — belamente frio. Quando mais o conhecemos, mais o veneramos, porém quanto mais o veneramos, tanto mais diferente dele nos sentimos. Haverá nisto algo de semelhante ao respeito de uma criança por um avô que ela goste de ouvir, houve-se de o mencionar em certos momentos, mas nunca se lembre do o imitar, salvo quando brinca de avô com outras da mesma idade... Um bom avozinho sorriria de vê-las assim, a demonstrar, sem o querer, até onde são irreduzíveis as semelhanças da vida...

Sabíamos nós, então, compreender, por nossa vez, porque Sotero não podia sentir o problema da brasilidade anônima de nossa linguagem vulgar. Valendo-nos da mesma comparação de que nos servimos antes, perguntemos: — Qual o avô illustre e grave que sentiu em seus gestos algo de retorno à infância? — Sotero não podia sentir a fermentação profunda que o envolvia e nele mesmo transparecia... Pois é verdade: a jovem língua brasileira misturava-se à transparência colástica do estilo de Sotero, e isto de modo bem diferente do que entendemos comumente por "erro" de linguagem ou "cochilo" de Homero. — Quem se atrevera à análise dessas diferenças profundas que o mundo arrota debaixo do mesmo nome de "erro"?

No caso de Sotero dos Reis descobrimos isto: ao lado, antes, de mistura com o seu alto e moderado espírito clássico, sua capacidade de mudar matizes filológicos, sua liberalidade em aceitar duas ou mais interpretações para certos usos clássicos, sua capacidade de traduzir o que percebia em termos corretos e frases encurtadas, — em rígido "clássico", — encontramos, em suas páginas, certas "omissões" vertiginosas, muitas delas com estranha frequência, que nos obrigam a uma consideração especial. Notamos, ali, ao primeiro relance de olhos, uma impotência

total de percepção do "erro", toda vez que este sofre a influência da diferenciação brasileira coletiva. Qualquer dos exemplos possíveis de citação para confirmá-lo será suficiente nesta rápida dissertação. Escolhemos o caso da "crase".

E' certo, ainda agora, é mesmo cada vez mais certo — que "ninguém" no Brasil sabe "crasear". Primeiro, nenhum de nós "pode", fisiologicamente, crasear nenhum vogal de nossa língua habitual. A crase é uma espécie de "duplicação" da tonalidade de um fonema breve. Ora, se damos como breves as nossas vogais "tônicas", nenhum brasileiro, por mais habil que seja em refletir as suas articulações orais, conseguirá crasear um — a —, um e —, um o —, a partir das mesmas tais quais as pronunciamos. Depois, não somos capazes de acertar com todas as modalidades de crase portuguesas. Não é ali fatal a fusão em um som único forte, toda vez que um mesmo som breve se repete em continuidade. Os portugueses fazem-no, regularmente, por "hábito", mas não "necessariamente". Nós nem o fazemos nem estamos com as circunstâncias que os levam a isto. Daí resulta para nós uma incompreensão nacional do "sentido" e uma impossibilidade fisiológica de "execução" da crase oral. Está fóra do nosso dinamismo linguístico, do nosso "genius", da nossa eufonia, da nossa entonação sintático-fonética tudo que para o português comum constitui o dinamismo, a qualidade, a função da crase. E' preciso insistirmos em acentuar o seu caráter de hábito português, constituído de várias características puramente portuguesas, onde só por esforço de abstração poderemos descobrir o sentido "físico" de soma de fonemas breves em um fonema forte, que lhe atribuem os gramáticos brasileiros.

Precisávamos que alguém nos desse uma classificação das diversas crases portuguesas, para começarmos a entender o que é isto, de fato, que fazem os portugueses... sem "regras".

Passando, de carreira, pela nossa proposta, lembramos que, em português, — língua de Portugal, — a letra — a do alfabeto, é pronunciada como se fosse craseada: — a. Depois, lembramos que a crase das locuções adverbiais, conjuntivas e prepositivas nada tem que ver com a celeberrima soma de — a — com — a —. Depois, a crase-soma não pode ser sempre "afetada" pela regra afamada da troca artificial de gênero, — por exemplo, em — áquilo, áquele, etc. Depois, a crase da expressão — á uma — é um caso ímpar, em português moderno. Etc., etc.

(Não queremos aludir aqui às diferenças entre crases internas e crases fonéticas, entre crases dinâmicas ou vivas e crases ancladas.)

Quando as confusões filológicas sobre o uso da "nossa" crase GRÁFICA chegaram à completa balbúrdia, os nossos mais notáveis filólogos, entre eles Rui e Carneiro, disseram coisas incríveis que absolvem o velho Sotero de todas as suas "vertigens" no mesmo caso.

Qual a posição de Sotero diante do problema da crase?

Uma vez, dando um modelo de análise, diz, sem maiores atenções: "as armas, complemento terminativo do mesmo apelativo (inclinação), ligado a ele pela preposição — a — combinada com o artigo — as —..." (Postilas, 20, — 2.ª ed., revista pelo autor. — 1868).

E' claro que, se entendia que toda crase resultava de semelhante combinação, mil vezes estacaria diante dela, nos livros clássicos, sem entender nada. Não querendo, porém, seguir o exemplo de Varnhagen, que só craseava o — a — quando, passando a sua frase para o francês, tivesse de empregar — a la, — a les, — Sotero dos Reis, adversário número-um de toda imitação do francês, preferia crasear, quando lhe surgia alguma hesitação...

Demos aqui uns poucos de exemplos disso colhidos na segunda edição de suas Postilas, revistas e acrescentadas pelo autor (1868, Maranhão): "amor á Deus", "obedece á Deus", "colocase ás mais das vezes", "era ensinada á livros de histórias", "reduzindo tudo á sistemas", "encomendar á Deus", "á tudo", "á isto", "á lhe...", "á isto", "á indivíduos", "á propósito", "á Nosso Senhor", "á Deus" (três vezes), "á estouturas", "á largos traços", "á Alonso...", "á Luis...", "á Gil...", "á Antonio...", "á D. João...", "á Antonio...", "á João...", "á Antonio...", "á Deus", "á Alonso...", "á Luis...", "á Gil...", "á Antonio...", "á Alonso...", "á Luis...", "á Deus", (duas vezes), "á Deus", "á cada passo", "á Levante", "á Trento", "á Cochí", "á ferro", "á", "á Portugal", etc. (Ob. cit., 6, 8, 51, 81, 84-5, 87, 99, 101, 105, 107, 111, 115, 117, 123, 136, 141...)

Conveniente notar-se que muitas dessas crases são acrescentadas por Sotero a textos clássicos em que não existe crase. — Teria ele alguma razão para isto?

Não era o mesmo caso de Atenas por certo. Sotero craseava correto muitas vezes; outras, omitia a crase onde era bem indicada. (14, v3 (duas vezes), 25, 27, 40, 48, 60, etc.) Podemos assegurar que o problema o ator-

mentava e, sobretudo, o atormentava. Como, muito depois, a Rui e Carneiro.

Não podemos alongar-nos mais a tal respeito. Tudo fica dito com a nossa advertência sobre o sentido vário de "erro" em linguagem. Erros como o indicado acima representam uma diferenciação profunda, como a da adulteração das declinações na passagem do latim para as línguas novi-latinas. São daqueles erros que, numa certa época de uma língua, ninguém sabe corrigir, muitos não atentam neles e, tempos depois, vem a servir de indicação do berço de uma língua nova...

Sotero foi um classicista sincero, agênte, fiel, na medida do possível. Filólogo puro, ignorou a qualidade do problema da língua brasileira. Errou em tudo que não podia ser resolvido pela lógica gramatical, — a expressão é dele, — pelo gosto dos clássicos, pelos ditames gramaticais em voga, pelo conhecimento profundo do latim...

Em sua honra seja dito que frequentemente se refere os fatos — "índole da língua", "gênio da língua", que é coisa diferente daqueles critérios e a todos eles violenta quando "quer". (37, 38, 44, 56, 60, 61, 155, etc.). E está, frequentemente, acompanhado pela ideia de "harmonia", "eufonia", "ouvido" linguístico (próprio da língua que estuda), etc. (25, 37, 48, 50, 52, etc.). (Às vezes, acreditamos ter sido Sotero o filólogo brasileiro que mais profunda impressão causou em Rui)

Onde Sotero foi excepcional e devia ter sido o maior número de discípulos foi no seu método de análise filológica. Prefere sempre os exemplos. E os dá quase sempre extensos, abundantes. Em outros pontos deste Suplemento se há de encontrar, certamente, textos de Sotero, onde se revela um "reitor" completo. Depois dele, gramática e filologia marcharam, apressadamente, para uma esquematização comum, cada vez mais "barata" e mais lucrativa, mais comercial, desfigurando as diferenças indispensáveis entre línguas, gramática, filologia, estilística.

A didática de Sotero em suas Postilas representa o que temos de mais moderno na matéria. Tudo o que vem depois dele, não é antiquado nem moderno. — E' cada vez mais estúpido e estéril.

Seria possível tirar-se daí algum conselho sobre a função do Ministério de Educação relativamente a livros didáticos para a juventude e a mocidade do Brasil?

DEOLINDO TAVARES E SUA POESIA

(Conclusão da pág. 91)

mais frequência, as tristezas) com que o poeta nos aparecia em vida, numa run, num café.

Pode-se dizer desse poeta, com que mesmo os mais íntimos raramente deparavam, que ele foi um homem que não conseguiu nunca esconder-se. Havia sempre que contar com seus poemas, que vinham estabelecer, através da presença quase física do poeta, que nos transmitiam uma convivência que me leva a considerar falsa qualquer alusão ao recolhimento que ele parece ter procurado nos seus últimos tempos no Recife. Daí o fato curioso que se dava sempre em nossas relações e que, de-certo, se há de ter repetido com outros de seus amigos: o fato de ele ter sido sempre para nós o amigo que deixáramos na véspera. Sensação estranha esta, que vejo agora voltar-me com uma nova intensidade, como a impedi-que ele a seu atual desaparecimento o caráter que ele tem de irremediável.

Naquela proximidade que indiquei, entre o poeta e sua obra, está a explicação dos aspectos mais importantes a serem levados em conta numa caracterização de sua poesia. Que, estou certo, não ficarão esquecidos dos que fizemos sobre dela um estudo mais demorado. Eu por mim indico um: a maneira que em nada se distancia do ponto de vista de que me propus falar quanto ao poeta nesta nota. Refiro-me à quase obsessão pelo que dissesse respeito à função do instrumento de sua poesia, à quase ausência de inquietação artística nesse rapaz que a recebeu e dela fez uso com a naturalidade com que já nos acostumamos a receber o sol e a noite. Naturalidade que, se por um lado o levava a um desprezo quase absoluto pela atividade de construir uma poesia (a sua poesia, seus poemas me parecendo antes, o que é outra coisa, essa presença da pessoa do poeta), por outro tornaria possível aquela identificação entre o poeta que conhecemos (nenhum de seus amigos estará em dúvida sobre o ter conhecido realmente) e esses poemas que outros terão, aqui mesmo, evocado com mais infinita penetração (penso num Léo Ivo, por exemplo, ou num Cláudio Tuliati Tavares, poetas de um parentesco intelectual muito chegado a ele, o que há de facilitar a explicação de certas particularidades de seu espírito, que a outros apenas é dado verificar). Mas que para mim são o próprio poeta andando ao meu lado ou ao meu encontro; a mesma impressão que ele sempre me transmitiu, de ter a cabeça mergulhada nas nuvens.

(Boletim da C.E.P. — Agosto, 1942 — Recife)

CIRCE - BAILADO EM

Personagens simbólicas — Circe

Dárius
A Vaidade
A Alegria
O Bezouro
A Borboleta
O Colibri
O Canário

Corpo de baile — *As Artes, As Virtudes, Monjas, Espíritos do bosque* (faunos, duendes, sílfides). *Os peregrinos*.

CIRCE

1º ATO — (No Convento)

O palco está mergulhado em sombra e o cenário é o de uma catedral, vendo-se no centro uma pesada porta que dá para um jardim. Formas cinzentas, de monjas, dançam um ritual sagrado. Dentre as silhuetas escuras, uma veste de branco; é Circe, que deve deixar o convento e se despede das companheiras. Na dança simbólica estas despojam-na, aos poucos, das vestes de religiosa e descrevem-lhe em gestos lúgubres os sofrimentos que a esperam na vida, os perigos com que irá deparar, e contam-lhe sobre o vale de lágrimas que é o mundo. Procuram retê-la. A música é religiosa e grave, por vezes repassada de angústia e de sofrimento. A jovem dança a despedida, e, liberta da sua indumentária de monja, transpõe a porta do claustro, que se cerra pesadamente sobre ela. Circe encontra-se só, diante de uma estrada que se prolonga a perder de vista. O palco é lentamente iluminado, e a Alegria, representada por uma bailarina vestida com uma roupa cintilante, se une a Circe. Acenando para a sua corte, composta de figuras coloridas, representando as Artes e as Virtudes, fál-las dançar a alegria da vida, para que a jovem tome delas conhecimento. A Poesia, a Música, as Artes dançam em lindos trajes. Depois a Fé, a Esperança, o Amor, a Bondade executam bailados, interpretando as belezas que a cercam. A orquestra toca uma música alegre, suave e colorida. Surge a Vaidade entrando pelo outro lado do palco; dirige-se igualmente para Circe, apresentando-lhe a sua corte, cujas bailarinas representam as riquezas e luxos que enfeitam a vida. Dançam, adornando a jovem com jóias e pedrarias, véus diáfanos e grinaldas de flores. Circe, seduzida por tantas belezas, executa um alegre bailado com as suas novas companheiras. Dárius aparece. É o gênio da luz, e com a jovem dança, amorosamente. Conta-lhe então que é necessário que ela encontre o "Querube", que canta como um pássaro e cuja voz lhe fará conhecer a suprema Felicidade. Desaparece Circe, acompanhada da Alegria e da Vaidade, seguidas de sua corte. Dirige-se para a estrada da vida, em busca do sublime cantor.

Fim do 1º ato

2º Ato (no Bosque)

O bosque é iluminado por uma luz que se espalha por entre a ramaria de árvores copadas e altas. Uma estrada corta o cenário e se prolonga até o flanco de uma montanha, cujo cimo está para além das nuvens e que se vê ao longe, rodeada de névoas. Pássaros e borboletas povoam o bos-

que, e figuras de faunos, duendes e sílfides aparecem e se escondem rapidamente. Entra Circe, acompanhada da Alegria e da Vaidade, seguidas pelas companheiras. A jovem dança ora com uma, ora com outra. Por vezes, todas em conjunto executam uma bailado alegre, que traduz a volúpia da vida. A música deve traduzir estes sentimentos e descrever o ambiente, que é o de uma alvorada no bosque. Deve ser leve, matinal, alegre, cheia dos diferentes ruídos que animam a natureza; cantos de pássaros, pipilar de aves, o rumor das pégedas dos animais nas folhas, o borbulhar cristalino de um regato próximo. Circe, não conhecendo o "Querube", procura-o entre os seres alados que a cercam. Deslumbrada pelas cintilações que descobre num escuro bezouro, que tranquilamente sorve o mel das flores, com ele dança um bailado, em que demonstra a alegria que sente por haver encontrado a prometida felicidade. Não lhe ouve a voz, porém e nota então o seu engano. Deixa-o, e vai em busca de uma linda borboleta azul, que por ela passa esvoaçando. Encantada, a moça vai aprisioná-la, porém, ela lhe foge das mãos e desaparece entre as árvores. A jovem vai ao seu encalço, quando um colibri de cores irizantes confundindo-a com as flores, vem beijá-la nas faces. Circe, acreditando que fora beijada pelo "Querube", trata de prendê-lo. Ouve então um canto belíssimo; e, embevecida, procura o cantor maravilhoso. Descobre-o sobre um ramo. É o canário das selvas que a deslumbra com a sonoridade dos seus gorgeios. Circe quer prendê-lo, mas o alado cantor desaparece voando. A jovem dirige-se para o flanco da montanha, acompanhada sempre das suas companheiras, e inicia a ascensão em busca da Felicidade.

No do 2º Ato

3º Ato (na Montanha)

O cenário representa uma vertente de elevada montanha. Vê-se de um lado uma estrada iluminada que conduz ao cimo, e do outro, parte de profundo vale mergulhado na sombra. Seres trajando roupas justas, da cor da terra, e envolvidos em mantos negros, conduzem archotes e procuram escalar a montanha. Uns se prostram em adoração diante dela, outros suplicam à montanha que lhes mitigue os males, outros ainda deitam-se à sua sombra. Alguns executam um bailado, interpretando as suas orações. A música, que toca em surdina, descrevendo a cena, ora é dolorosa, ora soturna como um lamento. Para o bailado dos peregrinos, ela torna-se, porém, mais religiosa. É a prece que sobe, impregnada de esperança e de fé, para a montanha inacessível. Circe, apoiada na Alegria e rodeada pelas outras figuras que compõem a sua corte, vai subindo-a dificilmente. A vaidade segue-a, cheia de fadiga e quase abandonada pelas suas companheiras, que aos poucos se vão deixando ficar pelo caminho. Elas se arrastam num supremo esforço e caem por terra para não mais se erguer. A própria Vaidade se deixa vencer e fica estendida na estrada. A música descreve a difícil escalada de Circe, tornando-se mais leve e mais clara à medida que as vaidades a vão abandonando, e, intensa e colorida no momento em que a jovem atinge o cimo. Circe dança o êxtase da libertação junto com a Alegria e sua corte, encantadas com a magnificência do panorama que desdobram. No seu deslumbramento lembra-se do "Querube" que deve ser encontrado, e busca-o afilantemente. Nota o vale e percebe que ele é de lágrimas, com as monjas o haviam descrito, e ouve o canto triste dos peregrinos que sobe até ela. Medita então que talvez houvesse au-

QUATRO ATOS- Maria de Lourdes Leão

(Desenho da autora)

DEOLINDO TAVARES Otávio de Freitas Junior

(Conclusão da p. 94) Sempre o verei nesta posição, olhando o Rio que o atraía e decepçionara, lágrimas lhe escorrendo do rosto emagrecido pelo sofrimento constante. Era ali, naquela mesma cidade, que mal reveria, que três anos depois o Poeta iria morrer. Não sei se naquele momento o Poeta poderia morrer. A Morte então o teria surpreendido. Mas hoje, a Morte foi para ele um encantamento.

Não culpo ninguém. Não [amaldiçoem quem escreveu] [minha história em dia de] [tempestade.

Desejaria ser lírio; vejo-me [lotus.

E' uma imagem ficará para sempre gravada nas minhas retinas. Foi no consultório de Jorge de Lima, onde Deolindo Tavares encontrou um amigo e um Poeta. Deolino Tavares debruçado na janela do décimo primeiro andar do edifício, olhava angustiado o movimento de automóveis da Avenida, junto ao famoso telescópio que Jorge de Lima possui. Deolindo não resistiu muito tempo a angústia que o prendia e transfigurava, e então chorou.

O Poeta voltou do Rio, com a alma mais ferida e sangrando, do que quando para lá fôra. Teve então uma ambição: desaparecer para os conhecidos e amigos, tornar-se um desconhecido. Desprezou por completo qualquer sucesso literário, afastou-se de tudo que o pudesse tornar conhecido como grande poeta que era. Com poucos amigos convivia, a poucos procurava, e sempre hesitante, sempre temeroso, fôra à sua casa em Boa Viagem, ele nos mostrava novos poemas, fotomontagens, vivia em Poesia. Francisco Lauria, Breno Acioli, Léo Ivo, Newton Sucupira, Gonçalves Pereira, e eu éramos uaque os únicos que víamos Deolindo Tavares, no Recife. Encerrado em casa, ou vagando à noite pela praia, Deolindo procurava uma Paz definitiva, que só a Morte lhe completou.

Depois desta fase, poucas vezes o vi. Outros caminhos tomávamos, e poucos dias antes de seu embarque o encontrei. Foi a última vez.

F I M

NOTA A ESTE SUPLEMENTO

Circunstâncias alheias à nossa vontade obrigam-nos a alterar o ritmo dos nossos suplementos. Estávamos, neste oitavo volume, realizando uma série de estudos acerca dos vultos mais representativos da filologia brasileira. Já incluímos, em suas páginas, Moraes e Silva, Carneiro Ribeiro, Rui Barbosa, Pacheco Junior e Heráclito Graça. O número de hoje deveria ser dedicado a Sotero dos Reis, e a este haveriam de seguir-se outros dedicados a Teodoro Sampaio, Mario Barreto, Ramiz Galvão, Silva Ramos, Julio Ribeiro, Macedo Soares, João Ribeiro e Laudelino Freire.

O número que hoje publicamos, encerrando cem poemas de Deolindo Tavares, corresponde, em nossa publicação normal a toda uma série de fascículos.

Esperamos poder regressar à série dos filólogos, completando um trabalho que consideramos de tanta utilidade, trabalho que no momento não nos é dado levar a termo.

Seus poemas estão aí, alguns publicados em jornais e revistas, a maioria porém, inédita. Deixou também fotomontagens, algumas de uma rara beleza. Tinha um livro de poemas, que um dia pretendia publicar. Não sei onde estão os seus papéis, os seus objetos queridos. Nós que fomos seus amigos em vida temos ainda um dever a cumprir: não deixar que a obra de um Poeta como Deolindo se esfacela com a sua Morte. Seus poemas e suas fotomontagens deverão ser editados, de qualquer maneira. Outros poetas o amarão, e seu nome não desaparecerá no esquecimento.

(Boletim da C.E.P. 1^o
Agosto, 1942 — Recife)



CIRCE

dado por caminhos desviados, onde não existe o pássaro da felicidade. E, vendo-se com as mãos vazias, resolve ir procurá-lo no vale, dirigindo-se com as suas companheiras para a ingreme encosta.

Fim do 3º Ato

4º Ato (no Vale)

A vertente termina num vale escuro, onde os peregrinos tentam a escalada da montanha. A música é novamente solene e triste repassada, de gritos e de súplicas. Surge Circe, vestida com simplicidade, acompanhada da Alegria e a sua corte. Todas estão tristes e assustadas. Circe, à medida que desce, colhe as florezinhas rousas que crescem na encosta abrupta, e procura consolar os peregrinos, que a ela se dirigem, esmolando. Enxuga-lhes as lágrimas e faz a Alegria, as Artes, as Virtudes dançarem, para que os peregrinos se alegrem. Vai deixando-as pelo caminho com uns e com outros. Ao chegar ao vale, despede-se igualmente da Alegria, a sua inseparável companheira, e com ela dança o bailado da suprema renúncia. A música se torna então intensa e lancinante. Nela predominam os sons agudos dos metais. Circe predomina os sons agudos dos metais. Circe prossegue, sózinha. Está infinitamente triste e despojada de todos os atributos. Suas faces tornaram-se pálidas e macilentas, como as das santas talhadas em marfim, e os seus olhos, antes cintilantes, por haverem contemplado as estrelas, estão turvos de lágrimas. De súbito, Circe ouve um canto idealmente belo, que parte do fundo do vale. Os peregrinos não podem ouvi-lo, porque o ruído das lamentações e os gritos atordoantes das súplicas os sufoca. Circe compreende que também a Alegria e suas brilhantes companheiras não lhe deixavam perceber o canto maravilhoso, que não cessa nunca de se fazer ouvir, em qualquer parte e no universo inteiro. Cai de joelhos, deslumbrada. Lá-

grimas, de inaudita felicidade, inundam-lhe as faces, e no seu êxtase toma Circe posse do "Que-rube", cuja voz só é ouvida depois de todas as renúncias. O palco está feericamente iluminado, confundindo-se todo o cenário em jorros de luzes coloridas, deixando nítida, somente, a figura de Circe em êxtase. A música se une um coro de vozes angélicas, que se confunde com o dos instrumentos, e que se torna cada vez mais intensa e cada vez mais pura, enchendo todo o vale, crescendo para a montanha e para além dos céus.

Uma escola para a arte moderna

RAUL DE
SÃO VITOR



Iberê Camargo — "Figura"

Ocupa hoje a nossa não encontra em nosso página Iberê Camargo, pois os meios de que ne- que pode representar, cessita para desenvol- entre nós, a nova gera- ver as suas aptidões e- ção de artistas, forma- realizar a sua obra de- da já sob uma concep- arte. Como se desenvol- ção de arte criadora e verem estes jovens, se- livre e que no entanto não existe, na Capital

da República, uma esco- la suficientemente ap- relhada para tal fim? O material artístico é ex- cessivo, portanto inac- cessível a grande maio- ria dos artistas. Como poderão eles man-ter ateliers e pagar modelos para o estudo do dese- nho e da pintura e onde conseguirão os profes- sores que lhes ministrem o conhecimento técnico e teórico de que neces- sitam? Por certo não nos faltam mestres ta- lentosos. Quando o pre- feito de Belo Horizonte compreendeu o que se- ria para o Estado de Minas uma realização social como a criação de um Instituto de Be- las Artes, e quando quis fazer dessa realização a "bandeira" das novas conquistas artísticas no Brasil, fácil lhe foi en- contrar o mestre quali- ficado e arrebatou-nos Guignard, que um ano depois de inaugurado o



Iberê Camargo — "Elegia"

seu curso, já nos apre- seu palavra, despertan- sentou a esplêndida co- do, orientando e condu- letânea de trabalhos zindo talentos para o dos seus alunos, expos- prestígio e glória do ta no Instituto dos Ar- Brasil!

Falta aos artistas mo- temos Portinari e Santa dernos a sua escola, o Rosa, Honório Peça- seu museu, a sua biblio- nha, o casal Campofio- teca. Falta-lhes princi- rito, Teruz, Adami, Si- palmente, o ambiente gaud e Goeldi e tantos propício ao debate e outros ainda, que fa- explanação de idéias, o riam por certo um óti- meio acessível e com- mo conjunto para a ori- preensivo aos pioneiros- entação dos artistas que da criação artística, li- desejam aperfeiçoar e vre e múltipla nas suas desenvolver com cultu- manifestações.

Neste momento, em- ra o ensinamento teóri- que se fala em constitu- co, e para a formação in- cionalizar o país, em- tellectual dos alunos, que nos encaminha- quantos mestres surgi- mos para novos ru- riam, e como um Ma- mos políticos e so- noel Bandeira, um Ani- ciais, justo é que aqui- bal Machado, um Celso deixemos registrada es- Keli, um Campofiorito, ta enorme lacuna que um Sergio Millet ou um entre nós existe e Santa Rosa, não encon- que é necessário ser- trariam o verdadeiro preenchida sem demo- campo para desenvol- ra se desejamos sal- ver aquela vocação de vaguardar o patrimônio mestres e de orientado- de arte do Brasil, e se- res, que os conduz cons- desejamos ver a nossa- tantemente às colunas terra colocada entre as dos jornais. E quão nações cultas do mundo mais útil seria, então, a hodierno

Iberê Camargo
H. C.

Iberê Camargo — autógrafo



N. XX — Raul Pina pin — Paisagem

AS RESPOSTAS DE IBERE CAMARGO A MORTE DE AMELIA DE OLIVEIRA

Passamos a transcrever a série de questões que lhe foram enviadas e cujas respostas publicamos, acompanhadas de auto-retrato do artista, da reprodução de três de seus desenhos e do "fac-símile" de suas assinaturas.

— Como encara a sua própria pintura dentro do movimento moderno, e qual o ponto de vista em que se coloca com referência à sua arte?

— Quais as suas primeiras experiências e realizações?

— Quando estreou em público?

— Quais as premiações que obteve, os principais encargos artísticos que realizou?

— Quais são hoje as suas aspirações?

— Existe, na sua opinião, diferença entre "arte académica" e "arte moderna"?

— Cre que haverá conveniência em que seja criado, no Brasil, um Museu de Arte Moderna?

— Qual deve ser o critério de seleção e de classificação dos trabalhos, no caso de um estudo geral da arte moderna brasileira?

— 6 —

Assim responderam o jovem artista brasileiro:

— Como encara a sua própria pintura dentro do movimento moderno e como se coloca com referência à sua arte?

— Sirvo-me da pintura para expressar os meus sentimentos, porém, com os pés bem plantados na terra. Tenho sempre presente que o quadro vale duravelmente pelo seu valor plástico.

* * *

O pintor assemelha-se a uma peça solta dentro da engrenagem social. É como uma árvore sem raízes. Muitos pintores são aqueles que, fora de uma cátedra universitária, conseguem ser apenas pintores. Geralmente vivem de dupla maneira, num misto de funcionalismo e de arte. Ora, é compreensível que tal situação não lhes permita alcançar a plenitude, porque a sua força está dividida. Não conseguem ser grandes nem em uma nem em outra atividade. O prejuízo é, deste modo, fatal, se atentarmos no interesse de conjunto. A arte só se revela a quem se dá sem restrições. Quanto àquelles que funcionam como cateclétricos, ligados a um sistema burocrático inadequado, não estão menos afetados do perigo da estagnação. Comunmente a tarefa do ensino os absorve, esquecem a sua condição primordial de artistas que têm uma obra individual a realizar. Não lhes é dado lembrar que o seu trabalho continuado redundaria em benefício dos seus alunos, porque quem avança desbrava, descobre, e muitos têm a dar. Valeria a pena buscar a fonte de sua manutenção no comércio da sua obra? Não.

Todos nós sabemos, artistas ou leigos, que, com raríssimas exceções, o mercado é escasso e para muitos, mormente para os modernos, é nulo. Só lhes resta uma porta assaz estreita: o desenho comercial, a ilustração. Mas aí, quando não se explora a validade do artista, acatando a sua colaboração desinteressada, dá-se-lhe uma remuneração quase sempre miserável. E ainda, ferindo a sua consciência de artista, impondo-lhe restrições, tolhendo-o na sua liberdade de expressão. É preciso agradecer... Depois, quando o tempo e a pertinácia deles vencer todos os obstáculos, os editores, sem luta, sem suor, apresentam a obra em belíssimos e caríssimos alburnos. Mas para o artista já é muito tarde...

Onde está a solução? Vejamos na reunião da pintura, escultura e arquitetura. Elas precisam andar juntas, elas se atraem e se completam. Refiro-me à pintura mural. Mas onde poderemos aprendê-la? Se buscarmos um livro em nosso idioma que trate da sua técnica, não o encontramos. O mesmo acontece com a silografia, a litografia, etc. Estamos murados. Entretanto, possuímos valores que inexplicavelmente se quedam à margem do ensino, verdadeira sabedoria aos nossos, aqueles que realmente desejam saber. Antes da arte, o ofício, se é que podemos separá-los. Precisamos, antes de mais nada, da formação e, depois, da oportunidade. Basta de lambrias e decorativismos. A desagregação do artista faz-se sentir em toda a linha. Citaréi um exemplo: quando pretende ele conseguir um lugar para trabalhar (refletir, aplicar a improvisação de uma sala em atelier), sempre o desbancham, frisando que a casa é de família... E onde esta observação é desnecessária, a sua bolsa não alcança!

Creio que cuidar da questão será mais útil, mais proveitoso e mais humano do que nos atulhamos de literatura. Estou certo que aos nossos não falta talento, honestidade e espírito de sacrifício. Faltam-lhes os meios de aprender e a oportunidade de aplicar o aprendizado.

Não pretendo dar as minhas observações um caráter de crítica unilateral, quero apenas chamar a atenção para este problema esquecido e que exige uma solução. Confio na compreensão e lealdade de todos, sem exceção.

— 6 —

— Quais as suas primeiras experiências e realizações?

— Se a vida artística tem seu início com os primeiros sentimentos, creio que os meus rabiscos de criança foram os primeiros passos da experiência. Depois, autodidatismo, escola, segundo injunções de meio ambiente e circunstâncias. Finalmente com o Grupo Guignard

— Realizações? Não. Esforços, lutas, eis tudo!

— 6 —

— Quando estreou em público?

— No Salão Nacional de 1943.

— Quais as premiações que obteve e os principais encargos artísticos que realizou?

— Obtive menção honrosa no Salão Nacional de 1943 e medalha de bronze no Salão de 1944. Nunca obtive encargos de espécie alguma.

— 6 —

— Quais são hoje, as suas aspirações?

— Todos nós sabemos que, no Brasil, os artistas são obrigados a uma luta constante, para se conservarem, apenas, como artistas. Isso, porque o nosso público, no sentido da pintura, ainda não aprendeu bem o seu objetivo, a sua significação. O que aspiro, tão somente, é viver, viver a minha vida, com os percalços e desgostos, mas viver, sendo sempre, o que agora sou: um pintor.

— 6 —

— Existe na sua opinião diferença entre arte académica e arte moderna?

— Vejo na arte moderna a expressão dolorosa dos nossos dias, sinto nela todas as nossas inquietações e ansiosas. Quanto à outra, fala uma língua que eu não entendo. Talvez seja uma língua já morta... Arte é para mim toda a expressão que vem diretamente da vida, sem intermediários nem fórmulas "a priori", resultado de impressões que o artista vê com os seus próprios olhos e sente com o próprio coração. E ainda será a vida quem dará às obras o denominador comum. O resto, simplesmente, não é arte...

— 6 —

— Cre que haverá conveniência de ser criado, no Brasil, um Museu de Arte Moderna?

— Sim, encaro a criação de um Museu de Arte Moderna no nosso país, como necessidade imprescindível. Será, sem dúvida, o meio mais eficiente de estabelecer um contato permanente entre o artista e o público, advindo daí uma maior compreensão. Convém ainda lembrar que com a existência de um Museu de Arte Moderna será criado o patrimônio para as gerações futuras, patrimônio esse, que não pode, de forma alguma, ser negado aos artistas e aos homens de amanhã.

— 6 —

— Qual deve ser o critério de seleção e de classificação dos trabalhos no caso de um estudo geral de Arte Moderna Brasileira?

— Creio que em questão de arte a posição do juiz é sempre perigosa. Prefiro ver passar a todos: que a posteridade nos julgue. Aí o julgamento será honesto, porque independe de amizades e simpatias... Quanto à classificação dos trabalhos, creio que se deverá fazer segundo a sua categoria.

A morte da última segunda-feira, salve-se a poética do, irmão de Aurélia, cos- Amelia de Oliveira, que du- tuncias passas duas e semanas em casa dos Olivieras.

D. Ana, mãe de Amelia, rubra muito edonense Bilac, não viu com bons olhos a namora da filha. Por que? Porque tinha horror às ex- troinices de Bilac, que influ- nha ser o mais desatendendo dos homens.

Tivemos, porém, a depoi- mento de Bernar Lu de Olivie- ra, que nos assegurou que na- quele tempo Bilac em um rapaz de costumes modelares.

O certo é que um dia D. Ana chamou a porte Bezar- do, e o encarregou da mais difícil missão: a de fazer che- gar às mãos de Olavo Bilac toda a correspondência que ele enviava a Aurélia. Com o coração dilacerado, Bernar- do cumpriu a determinação mo- derna. E desde esse dia ele e Bilac não se falaram mais.

O poeta de "Tuania Fezha" guardou na alma a triste



Amelia de Oliveira, em companhia da irmã D. Ana — a poeta e a irmã do grande poeta de "Tuania Fezha".

Dali, às 14 horas de terça-fei- ra, foi transportado para o amor, tão cedo dissolvido. E Gais Phantox, onde o recebeu sua obra reflecte, em muitas uma lancha especial, que o conduziu até Niterói. A poe- tisa foi lúmenada no cemitério de Maruj, na capital flumi- nense.

— 6 —

Amelia de Oliveira sempre teve um extremo poder dos seus versos.

Como disseu acima, na mocidade ela foi noiva de Bilac. O idílio floriou em Ni- terói no bairro da Engenha- ra, onde então morava a fu- tura Amelia Oliveira.

Bilac, grande amigo de Al-

amargura daquele vinho de ra, foi transportado para o amor, tão cedo dissolvido. E Gais Phantox, onde o recebeu sua obra reflecte, em muitas uma lancha especial, que o conduziu até Niterói. A poe- tisa foi lúmenada no cemitério de Maruj, na capital flumi- nense.

D. Amelia também guar- dou no íntimo do alma o cul- to do seu morto noivado com o grande poeta. E os soneto- tos, alguns deus são juvenis- mos, reflectem a saudades de- zelhos dias de amor, tão cru- elmente desfeitos.

Ainda dos tempos da En- genhoca — dos bons tempos talvez do seu idílio com Bi- lac — é este soneto, que Ar- tística recorda transcrevia na

crônica que acima citei:

NOTA

Quando a hora final da Ave-Maria Deixa o eco soar espaço em jato; Nesse momento em que a melancolia Mais na terra se estende e se demora

Quando a sombra da noite que apacora Enche o sol, escurecendo o dia; Quando não temos mais da última aurora A doce luz, embora fugidia;

Quando as trevas mais negras vão crescendo E cobrem toda a natureza; quando Repousa e dorme tudo em paz — gemido

Ouvem-se, o espaço inteiro percorrendo... E que tristes, no mundo, soluçando, Yaguriam muitos corações perdidos...

(Conclui na pag. 100)



A PRAIA BRANCA DE OLINDA - MUCIO LEÃO

Silvia Leão, minha prima, estréia-se agora com um romance escrito em inglês — *White Shore of Olinda*. É de Richmond, na Virginia, que me envia um exemplar de sua comovida, formosa novela.

A autora de *Praia Branca de Olinda* nasceu em Pernambuco, e é filha de Carlos Carneiro Leão, irmão de meu pai. Carlos Leão era um homem em tudo excepcional, ou pelo menos foi essa a impressão que deixou em meu espírito de criança, única fase da vida em que tive mais íntimo contato com ele. Ainda, no começo da vida, com o projeto de se fazer sacerdote. Talvez pela frequência da leitura da Bíblia, ficou-lhe impregnado o espírito de idéias singulares acerca da vida, da seriedade e da gravidade da vida. E o resultado foi que ele findou quase por se tornar um inadaptado às condições da existência atual. Desse- jaria um mundo perfeito, de homens perfeitos, de almas perfeitas, de coisas perfeitas. Como não encontrava tais seres, se insurgia e lutava. Sua vida foi, assim — como aliás no passado havia sido a vida de outros Carneiros Leões — uma reação constante contra os indivíduos e o meio. Também teve o castigo para tanta sede de perfeição: possuindo um grande talento, dispondo de faculdades intelectuais que eram raras no Pernambuco do seu tempo (ele faleceu cerca de 1920) nunca conseguiu passar, no Recife, do lugar de guarda-livros de uma casa comercial.

Era, entretanto, um apreciável pensador político, e lembro-me de ter visto, em casa de minha família, o esboço de um partido político, o esboço de uma constituição ideal, criada por ele para um país ideal. Não sei onde se encontram, hoje, tais papeis.

Era, igualmente, um poeta de impetuosa inspiração, e soube cantar

em endeixas comovidas as mulheres que amou — e as amou em número abundante. Como poeta, da mesma forma que como pensador político, sempre escondeu o que lhe brotava do espírito. Ultimamente conseguiu reunir alguns dos seus mais expressivos trabalhos, e os publiquei em um número passado deste suplemento. O leitor, se acaso passou a vista pelas poesias dele, terá visto que Carlos Leão era um herdeiro da música de Gonçalves Dias, de Casimiro de Abreu e de Castro Alves. E amava as suas Elviras, as suas Marias e as suas Alices, com a ternura e a paixão ardente de um autêntico romântico...

Silvia Leão herdou de seu pai aquele ardente amor à cultura, que foi o mais belo apanágio do espírito do poeta pernambucano. E essa virtude, que a escritora possui, é a mesma que possuem os seus irmãos, dados todos ao trabalho do pensamento, como Antonio Carneiro Leão, ultimamente eleito para a Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Clovis Bevilacqua, como Alberto Leão, hoje professor em Washington, como Josias Leão, secretário da Embaixada do Brasil em Londres, que é certamente um dos mais profundos co-

nhecedores das questões internacionais, políticas e econômicas do Brasil.

Silvia estudou no Recife, no American Agnes Eiskine College e depois no Departamento de Comércio do Colégio Americano. Em certa fase desses estudos, foi colega de Gilberto Freyre, e a amizade que fizeram nesses dias infantis permanece ainda hoje. Feitos esses estudos, veio ela para o Rio, e começou a trabalhar no comércio. Pouco demorou aqui, e em breve partiu para os Estados Unidos, em uma viagem de recreio. Não quis mais regressar ao Brasil, porém, por ter encontrado nos Estados Unidos ambiente incomparavelmente melhor para os seus trabalhos. Fez-se, a princípio, dactilógrafa em casas comerciais. Depois deixou essa atividade, e fundou em Richmond uma escola de extrema utilidade para os americanos do norte, aos quais são ensinadas coisas referentes à América do Sul, e para os americanos do sul, aos quais são ensinadas coisas referentes à América do Norte.

Nos intervalos que lhe deixa a escola, ela viaja. Percorreu quase toda a Europa, esteve longamente no Canadá e em Cuba. O que mais a encanta, porém, é posuir um jardim, que ela própria cultiva nos terrenos de sua escola, e

poder, nos dias de folga, fazer música e pes-

Nos intervalos de tantas atividades, é que Silvia Leão escreve. E foi neles que compôs essa *Praia Branca de Olinda*, evocação amorosa, olhar piedoso que voltou aos dias antigos, em que viveu na magia da infância e da adolescência.

Essa história é uma história de amor, quer dizer, de sofrimento e de melancolia. Nela achamos a paisagem que, a ensolarada paisagem de Olinda, movendo-se dentro dessa paisagem, os pescadores, os jangadeiros, as rendeiras, toda aquela gente humilde, resignada e boa de minha terra.

O livro fala aos americanos do norte de uma terra que lhes é desconhecida, de uma gente que eles jamais viram. E trai, por mais identificada que Silvia Leão

esteja com a existência o gênio americano, um tipo novo de vida. Vejo que *Praia Branca de Olinda* tem sido já comparada ao romance de Perl Buck, *The good Earth*, que tão formidável êxito logrou nas livrarias, que tão extraordinária popularidade alcançou transportado para o cinema. Pelas qualidades dramáticas e intensas que possui, pela paisagem nova que revela, por essa espécie de mensagem inédita que contém — mensagem de uma civilização sem dúvida misteriosa, como aos olhos do resto do mundo deve aparecer a exótica civilização do Brasil — creio que *Praia Branca de Olinda*, se fosse levada ao cinema por grandes artistas, estaria destinada também a se tornar um grande êxito. Teríamos, então, a alegria de ver o nosso Brater, o meu Pernambuco, a minha formosa e idílica Olinda penetrarem na admiração unânime do mundo...

A vida dos livros

- João Peretti — "Barleu e outros (ensaio crítico)" — 153 páginas — Ol. Gráf. do Jornal do Comércio — Recife — 1941.
- Rosine Camargo Guarneri — "A Voz do Grande Rio" — Poemas — 131 páginas — Editora Brasileira Ltda. — São Paulo — 1944.
- Lourdes Bacelar — "Na Sombra e no Silêncio" — 109 páginas — Imprensa Vitória — Bahia — 1944.
- Sérgio Ruarque de Holanda — "Cobra de Vidro" — 121 páginas — Livraria Martins Editora — 1944.
- Paulo Franklin — "Céu dos Mistros" (Versos) — Capa e desenhos de Carilo — 72 páginas — Companhia Brasileira de Artes Gráficas — Rio — 1943.
- Silvio da Cunha — "Memória da passagem do Anjo" — Com um prefácio de Carlos Drummond de Andrade — Rio — 1944.
- Pereira Reis Junior — "Canções do Infinito" — "Poemas" — 103 páginas — Rio de Janeiro — 1943 — Nesta edição estão transcritos vários juízos de vários escritores e críticos sobre o poeta.
- Roberto Macedo — "Efemérides Cariocas" — 383 páginas — Rio — 1943.
- Euripedes Silva — "Arranha-Céus" — "Versos inéditos de um poeta pobre" — 72 páginas — 1944.
- Martins de Oliveira (da Academia Mineira de Letras) — "Quinta Carta à Academia Brasileira de Letras" — Ofcs. Gráf. S. José — Coimbra — Minas — 1944.
- Stanislaw Brodski (professor de Economia Política na Universidade de Lwow — Presidente do Conselho Nacional Polonês em Londres) — "A fronteira Polono-Soviética" — 48 páginas — Tiragem para uso privado — Londres — 1944.
- Academia Paulista de Letras — "Recepção do senhor Aureliano Leite" (Discurso deste e do sr. Soares de Melo) — 86 págs. — Gráfica Paulista — São Paulo — 1944.
- Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil — N.º 5 — 1.º Semestre de 1944 — 119 págs. Ministério da Guerra — Rio.

A MORTE DE AMELIA DE OLIVEIRA

(Conclusão da pág. 99)

Dessa mesma época, em de Jan de Oliveira publicou no *diário* *poema* posterior, *versos* Almanaque Popular Brasileiro, outro soneto, que *Ana* to de 1941:

NÃO VEM

*Está o luar nos vidros da janela.
"Noite! e bem tarde já!" Angustiado,
Ela tenta alisar a alma cansada,
Buscando o rio fugitivo dela.*

*Quase já um rumor, o ouvido dela
Atenta, "Certamente na calçada
Vem alguém". E sorri, aborrecida,
Mas logo em pranto o seu olhar se estrea.*

*Ninguém!... Como é cruel o isolamento!
Ninguém!... Sómente a merencória tua,
A percorrer a azul do firmamento!*

*E muda e triste, ali, ela, somente,
Olhando no longo da isolada rua,
Modita a chora dolorosamente!*